vida pastoral

janeiro-fevereiro de 2026 • ano 67 • número 367

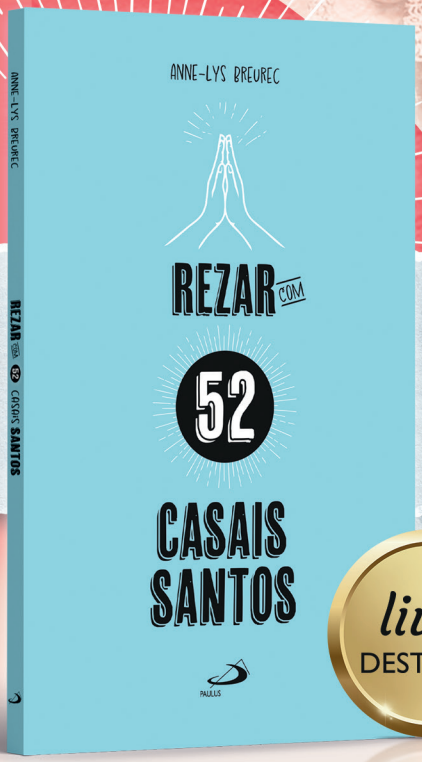
CATEQUESE
a iniciação à vida cristã

ISSN 0507-7184
9 770507 718012 01

PAULUS

DESCUBRA A FORÇA DA FÉ VIVIDA A DOIS

REZAR COM 52 CASAIS SANTOS



Um guia para casais que desejam rezar juntos a espiritualidade conjugal e a santidade

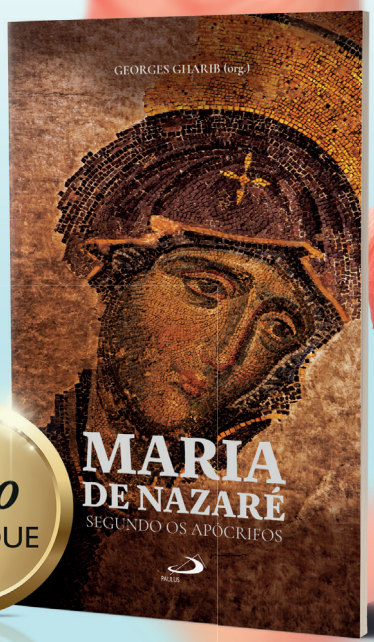
livro DESTAQUE
JANEIRO

ADQUIRA AGORA

Um caminho de luz que inspira sua fé

Maria de Nazaré

Da simplicidade de Nazaré à glorificação eterna, cada página conduz você pelos passos de Maria e de Jesus.



livro DESTAQUE
FEVEREIRO

ADQUIRA AGORA!

PAULUS

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

A catequese não se resume à transmissão de um conjunto de doutrinas. Seu objetivo mais profundo e vital é conduzir o catequizando a uma experiência pessoal e comunitária do mistério de Deus. Trata-se de um convite a ir além do conhecimento intelectual para mergulhar no amor divino, que se manifesta de forma íntima e transformadora em nosso coração.

O profeta Jeremias tem uma expressão que ilustra bem essa dimensão interior da fé: "Porei a minha Lei no seu íntimo e a escreverei no seu coração" (Jr 31,33). Em Jesus Cristo, todos nos tornamos uma carta dele no mundo. Como destaca o apóstolo São Paulo, "uma carta escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações humanos" (2Cor 3,3).

A catequese tem sentido quando realmente toca a alma da pessoa. A fé não pode ser algo imposto de fora, mas constitui uma lei de amor escrita no coração. A catequese é o processo pelo qual essa escrita se torna legível, e o catequizando pode finalmente ler a mensagem de Deus na própria existência, obtendo luzes para também ler o texto do mundo da vida.

A experiência existencial do mistério de Deus acontece quando a catequese incentiva a dimensão mistagógica, a oração e a experiência de Deus no cotidiano.

A dimensão mistagógica é o processo de iniciação aos mistérios da fé, especialmente por meio dos sacramentos. A catequese tem a obrigação de ajudar o catequizando a não apenas entender, mas também vivenciar a graça de Deus na liturgia. A Eucaristia, por exemplo, não é tão somente um ritual, mas sobretudo o encontro real com Cristo, que se entrega por nós. O catequizando é conduzido a uma participação consciente e viva, mediante a qual venha a experimentar o amor de Deus, que é comunhão conosco.

A oração é o diálogo com Deus. Uma catequese que não ensina a rezar falha em sua missão mais fundamental. Por intermédio da oração, o catequizando se abre à ação do Espírito Santo, que age em seu interior. Essa experiência de intimidade com Deus, seja na meditação da Palavra, seja na oração espontânea ou na contemplação silenciosa, é o caminho para o aprofundamento da fé.

A presença de Deus no cotidiano significa que seu mistério não está restrito aos templos ou aos sacramentos. O Senhor se manifesta nas pequenas coisas da vida: na beleza da criação, na bondade de um amigo, na superação de uma dificuldade, no perdão concedido ou recebido. A catequese deve ajudar o catequizando a "ler" a presença de Deus em sua própria história, compreendendo-o como um Deus vivo e atuante, que caminha ao seu lado a cada passo.

O Catecismo da Igreja Católica nos lembra que a catequese deve ser uma "iniciação à vida da fé" (CaIC 426). Essa vida é o relacionamento com uma Pessoa – Jesus Cristo. A catequese que ignora a dimensão da experiência do mistério de Deus nos corações corre o risco de formar "cristãos de fachada", que conhecem a doutrina, mas não têm um relacionamento vivo e transformador com o Senhor. Esse relacionamento não se dá na solidão e de forma intimista. Nossa fé é um testemunho pessoal e comunitário. Afirmamos no nosso Credo Apostólico que "cremos na comunhão dos santos". Essa comunhão nasce no batismo e nos faz todos parte de um mesmo corpo, o Corpo de Cristo, que é a Igreja. A verdadeira catequese é o caminho que leva do conhecimento do Evangelho ao encontro com o próprio Jesus no chão da vida, rumo ao céu.

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para ministros ordenados e agentes de pastoral

Ano 67 · Nº 367
janeiro · fevereiro de 2026

PAULUS

© PAULUS – 2026
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial
Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

Redação
vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagens
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação
Andrea Cristina Florez Marin

Revisão
Alexandre Santana
Tatianne Francisquetti

Impressão - PAULUS

Versão digital
vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.
Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

SUMÁRIO

A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ:
EIXO ARTICULADOR DE TODA EVANGELIZAÇÃO
Dom Leomar Antônio Brustolin 4

ANIMAÇÃO BÍBLICA NA CATEQUESE
Ir. Dra. Izabel Patuzzo 10

BÍBLIA E CATEQUESE:
UM MATRIMÔNIO PASTORAL INDISSOLÚVEL
Pe. Dr. Felipe Sardinha Bueno 20

A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ DEU CERTO?
Dr. Altierez dos Santos 26

ROTEIROS HOMILÉTICOS
Pe. Dr. Junior Vasconcelos do Amaral 34

NOVIDADE!

Folhetos Especiais para as celebrações da Iniciação à Vida Cristã.

Adquira já

FAÇA SUA ASSINATURA DA REVISTA VIDA PASTORAL

Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

Para mais informações, entre em contato:
paulus.com.br/loja
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
(11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br
@editorapaulus

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA
Rua 28 de Setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136 – Ed. Arcângelo Maletta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR
Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01 – Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB
Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilhos, 2029
(54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES
Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599 – Centro
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119 – Centro
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523 – Centro
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR
Rua XV de Novembro, 7466 – Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL
Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montaury, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Rua Camboa do Carmo, 83
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111–B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP
Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI
Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
(86) 3142-1295 / 99935-0001
teresina@paulus.com.br

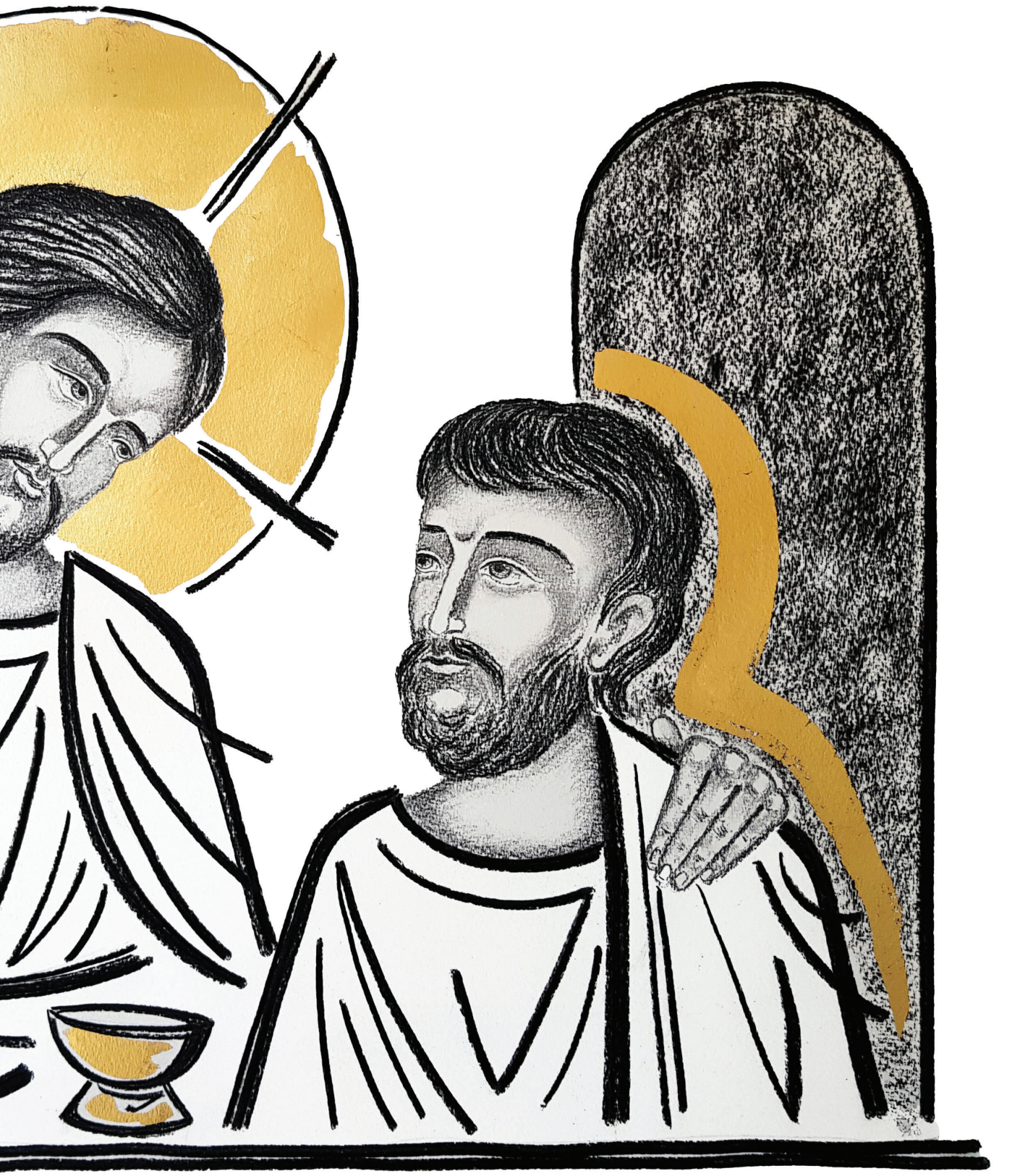
UBERLÂNDIA – MG
Av. Cesário Alvim, 757 – Loja 1 – Centro
(34) 2512-4358
uberlandia@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Dom Leomar Antônio Brustolin*

A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ:
eixo articulador de toda evangelização

*Dom Leomar Antônio Brustolin é arcebispo de Santa Maria-RS e presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB, presidente do Regional Sul 3 da CNBB e doutor em Teologia. *E-mail:* leomar.brustolin@pucrs.br



A iniciação à vida cristã é um processo pedagógico e espiritual que visa introduzir a pessoa no mistério de Jesus Cristo e inseri-la na comunidade eclesial. Inspirado no Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (Rica), esse itinerário é adaptado para diversas faixas etárias e fundamentado na centralidade do querigma, desenvolvendo-se de forma gradual e mistagógica. O processo é estruturado em quatro tempos (pré-catecumenato, catecumenato, purificação e iluminação, mistagogia) e três etapas litúrgicas que marcam o progresso do iniciado na fé. Os sacramentos da iniciação cristã – batismo, crisma e Eucaristia – são apresentados como momentos culminantes dessa caminhada. O batismo é a porta de entrada na vida cristã, regenerando o fiel como filho de Deus; a crisma confirma e fortalece essa graça inicial com o dom do Espírito Santo; e a Eucaristia é o ápice da comunhão com Cristo, formando discípulos que vivem segundo o amor e serviço do Mestre. O artigo evidencia que a iniciação à vida cristã não é apenas transmissão de doutrina, mas um caminho de conversão, pertença comunitária e adesão existencial a Jesus Cristo.

INTRODUÇÃO

A iniciação à vida cristã constitui um itinerário formativo e espiritual que visa conduzir a pessoa a um encontro pessoal e transformador com Jesus Cristo, inserindo-a progressivamente na vida de fé e na comunidade eclesial. Mais do que simples processo de ensino doutrinal, trata-se de caminho de experiência, amadurecimento e conversão, no qual o iniciado é chamado a viver, de forma consciente e plena, a identidade cristã. Inspirado no Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (Rica), esse processo estrutura-se em tempos e etapas que orientam a caminhada do catecúmeno em direção aos sacramentos do batismo, da crisma e da Eucaristia, compreendidos como momentos decisivos e fundantes da vida cristã.

Nesse contexto, a proposta catecumenal assume uma dimensão querigmática, mistagógica e comunitária, centrada não apenas na transmissão de conteúdos, mas sobretudo na vivência concreta do amor de Deus e na adesão a Jesus Cristo. A presente reflexão busca apresentar os fundamentos e etapas da iniciação à vida cristã, destacando o papel dos sacramentos como expressão máxima de inserção na fé e evidenciando a importância de um acompanhamento personalizado e de um verdadeiro discipulado que leve a uma vida transformada e comprometida com o Evangelho.

A iniciação à vida cristã é um caminho pedagógico pelo qual a pessoa é introduzida no mistério de Jesus Cristo e inserida na vida da Igreja. A alegria da pertença torna a pessoa testemunha alegre da experiência realizada.

Tal processo dirige-se exclusivamente para adultos não batizados, mas é possível identificar os desdobramentos da iniciação para crianças, adolescentes e jovens, adaptados às intuições do Rica.

A inspiração catecumenal tem sua centralidade no querigma e possui uma dinâmica e mística que convidam a entrar sempre mais no mistério do amor de Deus. Não se pretende, primeiramente, instruir quem deseja ser cristão, mas iniciá-lo num processo gradual e sistemático da fé. Não se dispensa a instrução, mas esta é integrada a um itinerário próprio, com acompanhamento personalizado daqueles que desejam ser iniciados, com práticas de exercícios espirituais, participações na comunidade, sinais concretos de conversão e mudança de vida e adesão total a Jesus Cristo por meio dos ritos celebrados, entre outros meios.

Segundo o Rica, o processo de iniciação cristã é constituído de "tempos" e "etapas". São os diversos passos que o iniciado dá para atravessar as diferentes portas e subir os degraus desse caminho que chamamos de iniciação. Cada degrau conduz a um tempo, mais ou menos prolongado, de discernimento e amadurecimento, que prepara para o degrau seguinte. São quatro tempos e três etapas. Os tempos são: querigma ou pré-catecumenato (primeiro e fundamental anúncio de Jesus); catecumenato (catequese que aprofunda a fé); purificação e iluminação (tempo de conversão a Jesus, de renúncias e de opções que mudam o estilo de vida); mistagogia (iniciação ao mistério). E estas são as etapas que marcam a passagem de um tempo para outro: celebração de entrada no catecumenato e assinalação da cruz; celebração de eleição e inscrição do nome para entrar no tempo de purificação e iluminação; celebração dos sacramentos de iniciação: batismo, crisma e Eucaristia.

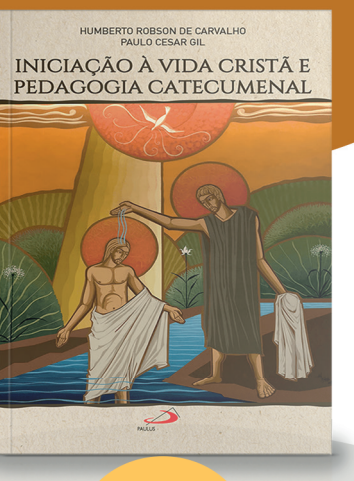
1. Batismo: porta de entrada na vida cristã

O batismo é o primeiro dos três sacramentos da iniciação cristã. Do grego *baptisma*, quer dizer "imersão, banho, mergulho". Batizar é lavar, purificar, mergulhar na água. O batismo cristão tem sua origem no próprio Jesus Cristo, que enviou seus discípulos para evangelizar os povos e batizá-los em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Trata-se de uma purificação, feita com água, que lava o pecado original, dando ao batizado a condição de filho de Deus.

O batismo é o primeiro sacramento que recebemos. Ele é a porta de entrada para a Igreja e para toda a vida sacramental. O próprio Jesus deixou como exemplo o ato de batizar. Ele se fez batizar por João Batista, quando o Pai o confirmou na sua filiação divina. O batismo é o sacramento, instituído por Jesus Cristo, que nos faz filhos de Deus e irmãos-discípulos de Jesus, o Filho. Ele nos regenera para a vida da graça, mediante a purificação com água e a invocação das três Pessoas divinas.

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ E PEDAGOGIA CATECUMENAL

Paulo Cesar Gil | Humberto Robson de Carvalho



CONFIRA VERSÃO E-BOOK

O livro está organizado em sete capítulos, nos quais se percorrem os principais autores e documentos da Igreja do Brasil que se referem à catequese. Desejamos que ele contribua para a sua formação catequética e que você faça do processo de iniciação à vida cristã um projeto de vida fundamentado em Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

> *“O batismo cristão tem sua origem no próprio Jesus Cristo, que enviou seus discípulos para evangelizar os povos e batizá-los em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”*

Os apóstolos tinham a consciência de anunciar o Evangelho e batizar os convertidos para que, renascidos na água, pudessem dar testemunho de vida cristã. Por isso se trata de uma purificação feita com água que lava do pecado original, dando ao batizado uma nova condição de existência.

São Paulo recordou à comunidade cristã que, pelo batismo, a pessoa é sepultada e mergulhada na fonte que é Cristo: “pelo batismo fomos sepultados com Cristo na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dos mortos pela ação gloriosa do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Rm 6,4).

A matéria do sacramento é a água, e a forma são as palavras: “Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Fórmula que vem do mandato de Jesus aos seus discípulos: “batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19).

O Catecismo da Igreja Católica afirma: “O batismo é o mais belo e o mais magnífico dom de Deus. [...] chamamo-lo de dom, graça, unção, iluminação, veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo, e tudo o que existe de mais precioso” (n. 1.216).

2. Crisma: confirmação do batismo

O livro dos Atos dos Apóstolos mostra que o rito de transmissão do Espírito Santo consiste na imposição das mãos. Os apóstolos Pedro e João, enviados à Samaria, impunham as mãos sobre os que tinham sido batizados, e estes recebiam o Espírito Santo (At 8,12-17). Do mesmo modo, São Paulo batizou, em nome de Jesus Cristo, os discípulos de João e lhes impôs as mãos, para que o Espírito Santo viesse sobre eles (cf. At 19,1-6).

A imposição das mãos é reconhecida pela tradição católica como a origem do sacramento da crisma, que dá continuidade, de certo modo, ao acontecimento de Pentecostes. Cada celebração da crisma é como um novo Pentecostes na vida da Igreja.

A unção com o óleo do crisma é o sinal de consagração. Os que são ungidos participam mais intensamente da missão de Jesus, contando com a força do Espírito Santo. Assim, o cristão deve manifestar em todos os locais por onde passa o bom perfume da presença de Cristo. A unção com esse óleo perfumado e consagrado pelo bispo recorda o dom do Espírito Santo concedido ao crismado, que se torna um cristão apto para exercer sua missão, dando testemunho de Cristo na sociedade.

Disse o papa Francisco que a confirmação ou crisma

> deve ser entendida em continuidade com o batismo, ao qual ela está vinculada de modo inseparável. Estes dois sacramentos, juntamente com a Eucaristia, formam um único acontecimento salvífico, que se denomina “iniciação cristã”, no qual somos inseridos em Jesus Cristo morto e ressuscitado, tornando-nos novas criaturas e membros da Igreja. Em geral, fala-se de sacramento da “crisma”, palavra que significa “unção”. Com efeito, através do óleo chamado “crisma sagrado”, nós somos confirmados no poder do Espírito, em Jesus Cristo, o único verdadeiro “Ungido”, o “Messias”, o Santo de Deus. Além

> disso, o termo "confirmação" recorda-nos de que este sacramento contribui com um aumento da graça batismal: une-nos mais solidamente a Cristo; leva a cumprimento o nosso vínculo com a Igreja; infunde em nós uma especial força do Espírito Santo para difundir e defender a fé, para confessar o nome de Cristo e para nunca nos envergonharmos da sua cruz (Audiência Geral, 29 jan. 2014).

3. Iniciação eucarística

O significado profundo da Eucaristia é a Páscoa: memória atualizada do cenáculo e do Calvário, da ceia e da cruz. Jesus, Mestre e Senhor, com sua morte na cruz, salva o ser humano da morte e cura as feridas que o pecado deixa em nós. A Eucaristia, por sua vez, funda comunidade nova de discípulos que não mais viverão sob a lógica de um mundo submetido à vaidade e à mentira, mas conscientes de que foram redimidos no amor que serve e se humilha para manifestar a sabedoria de Deus.

A memória da ceia logo foi denominada de Eucaristia, isto é, ação de graças na qual se realiza a *fratio panis* (fração do pão). Este foi o gesto escolhido por Jesus para marcar sua presença entre nós: pão-corpo dado; vinho-sangue derramado. Assim se entende profundamente o que Jesus diz na Eucaristia e se repete toda vez que ocorre a consagração do pão e do vinho: "Fazei isto em memória de mim". "Fazei" significa que todo aquele que comunga precisa empenhar-se em fazer aos outros o que Jesus fez por todos nós. "Em memória de mim" equivale a seguir o exemplo de Jesus, é um fazer concreto que transborda o gesto de amor de Cristo,

O fruto da Eucaristia é reconhecido naqueles que a acolhem autenticamente. Criam-se novas relações: supera-se o domínio pelo serviço, o ódio pelo perdão, o conflito pela reconciliação. Testemunha-se na vida que Deus é amor e todo aquele que ama permanece em Deus.

Comungar a Eucaristia significa estabelecer um vínculo essencial com Cristo e com os comensais. Quem recebe a Eucaristia deve viver como Jesus viveu, amar como Jesus amou, perdoar como Jesus perdoou. Quem comunga recebe, em seu corpo mortal, o pão e o vinho da imortalidade, por isso deve agir como cidadão do céu e trabalhar para a humanização do mundo. Todo aquele que comunga, mas continua a viver de forma estranha ao Evangelho, não acolheu o Cristo, não entendeu o que é a comunhão.

Somente compreende a Eucaristia quem entende o que fez Jesus. O Mestre serviu e assim se revelou como Senhor. Doando sua vida, salvou-nos. Todo aquele que comunga seu corpo e sangue há de seguir o mesmo caminho de humildade e verdade.

CONCLUSÃO

A iniciação à vida cristã é muito mais do que um conjunto de ensinamentos ou ritos a serem seguidos; trata-se de verdadeiro caminho de encontro com Jesus Cristo, vivenciado de forma progressiva, comunitária e transformadora. Inspirado nas intuições do Rica, esse processo propõe uma pedagogia da fé que respeita o tempo e a realidade de cada pessoa, conduzindo-a a uma adesão livre, consciente e profunda ao Evangelho.

Os sacramentos do batismo, crisma e Eucaristia, como pontos culminantes dessa caminhada, não apenas marcam etapas rituais, mas selam a identidade do cristão como filho de Deus, membro da Igreja e discípulo missionário. Ao mergulhar no mistério do amor de Deus, o iniciado é chamado a testemunhar com alegria a fé recebida, transformando sua vida e contribuindo para a edificação do Reino.

Nesse sentido, a iniciação à vida cristã deve ser constantemente redescoberta e valorizada como um caminho essencial para formar cristãos convictos, enraizados na Palavra, participantes da comunidade e comprometidos com a missão. A alegria da pertença à Igreja torna-se, assim, fonte de renovação para toda a comunidade e sinal visível da presença de Cristo no mundo. VP

Ir. Dra. Izabel Patuzzo*

ANIMAÇÃO BÍBLICA NA CATEQUESE

O artigo apresenta uma abordagem teológico-pastoral da animação bíblica na catequese, expondo, de modo sucinto, alguns fundamentos bíblicos que ajudam a entender a proposta da Igreja para que as Escrituras sejam sempre a fonte de toda ação evangelizadora, da qual a catequese faz parte. Por sua natureza e finalidade, a catequese tem uma íntima relação com o querigma, cuja centralidade é o anúncio da Palavra de Deus e a experiência mistagógica proporcionada aos seus destinatários, a qual tem por fim fazer com que cada batizado se torne uma testemunha da Palavra anunciada e vivida.

*Ir. Izabel Patuzzo pertence à Congregação Missionárias da Imaculada. Mestra em Aconselhamento Social pela South Australian University, mestra e doutora em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, licenciada em Filosofia e Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção. *E-mail:* isabellapatuzzo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Para falar sobre a animação bíblica da catequese, em primeiro lugar, é importante uma aproximação conceitual dos termos, a fim de esclarecer o que se entende neste artigo por animação bíblica e catequese. O vocábulo "catequese", de origem grega (*κατήχησις*, *catequesis*), deriva do verbo *κατηχέω* (*catequeo*), cujo significado corresponde a instruir, ensinar e informar. Nos escritos neotestamentários, tem o sentido de ensinar oralmente, mediante a Palavra de Deus (cf. At 18,25; Gl 6,6; 1Cor 14,19; Rm 2,18). Quanto à expressão "animação bíblica", trata-se do resultado de um longo processo na Igreja, que se iniciou com o Movimento Bíblico, antes do Concílio Vaticano II, e culminou com a Constituição Dogmática *Dei Verbum*.

As conferências pós-conciliares exerceram um papel fundamental no processo de propor a animação bíblica para toda a pastoral. Nesse caminhar da Igreja, a catequese – que, por sua natureza eclesial e evangelizadora, está centrada na Palavra de Deus – ocupa lugar de destaque. A recepção da proposta conciliar da *Dei Verbum* pelas conferências episcopais contribuiu para que a Palavra de Deus não fosse apenas a alma da teologia, mas também de toda a ação evangelizadora da Igreja. Todo esse caminhar com a Sagrada Escritura culminou na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini*, que propôs que a animação bíblica permeie toda a atividade pastoral da Igreja (VD 73) e, em seguida, que toda atividade catequética esteja centrada na Palavra de Deus (VD 74), para que os catequizandos possam fazer a experiência do encontro com o Cristo Palavra.

O ato de ensinar ou instruir com base nas Sagradas Escrituras fundamenta-se na longa tradição bíblica, segundo a qual o povo de Deus sempre se nutriu da Palavra divina. Israel recebe o dom da Lei no Sinai e se deixa guiar ao longo de toda a história da salvação (cf. Ex 20, 1-21). Nas grandes assembleias do povo escolhido, a proclamação da Palavra ocupava lugar central nas tomadas de decisão, com o objetivo de manter a fidelidade à Aliança (cf. Js 24,25-28).

Os escritos veterotestamentários descrevem a Palavra de Deus (*Dabar*) como o agente divino que executa as diversas tarefas de Deus. De acordo com o Sl 33,6, ela age no ato da criação: "O céu foi feito pela palavra de YHWH, e todo o seu exército, pelo sopro de sua boca". No relato da criação, em Gn 1,1-31, o vocábulo "palavra" ocorre oito vezes. Em seguida, essa Palavra é dirigida a pessoas escolhidas para uma missão importante, como em Gn 15,1: "Depois desses acontecimentos, a Palavra de YHWH foi dirigida a Abraão, numa visão: 'Não temas, Abraão! Eu sou o teu escudo; tua recompensa será muito grande'".

Também por meio dela, o Senhor se revela na história de seu povo: "YHWH continuou a manifestar-se em Silo, porque em Silo ele se revelava a Samuel pela palavra de YHWH" (1Sm 3,21). Aos profetas, Ele faz conhecer sua vontade: "A palavra de YHWH me foi dirigida nos seguintes termos" (Jr 1,4). A Palavra de Deus tem ainda o poder de curar: "Enviou sua Palavra para curá-los e da cova arrancar sua vida" (Sl 107,20).

Assim, a Palavra de Deus se revela em sua força criadora no Gênesis e libertadora no livro do Êxodo; sucessivamente, congrega Israel, corrige-o e aponta os caminhos da justiça e da retidão nas palavras dos profetas. Anima a caminhada de seu povo no exílio e, no pós-exílio, fortalece a comunidade dos fiéis. As sinagogas surgem e se multiplicam nesse período, pois a Palavra de Deus precisa ser estudada em um lugar apropriado.

Evidências arqueológicas mais remotas da existência de sinagogas na Antiguidade foram encontradas em diversos lugares, devido à situação de diáspora de Israel. Elas datam do século III a.C. As sinagogas foram construídas como casas de oração e de estudo das Escrituras, desempenhando um papel fundamental na

preservação do povo judeu, ajudando a manter sua identidade e permitindo uma forma de culto móvel, mesmo após a destruição do templo. Em outras palavras, as sinagogas eram a casa da Palavra, pois no centro havia um espaço que lembrava a arca da Aliança – o local mais sagrado –, onde se guardavam os rolos de pergaminho. Assim, as comunidades judaicas da diáspora inevitavelmente criaram sinagogas para preservar suas tradições e identidade, enfrentando continuamente desafios políticos, litúrgicos, sociais, educacionais, judiciais e espirituais.

1. Jesus, Palavra encarnada e semeador da Palavra

Os Evangelhos sinóticos narram que Jesus frequentava, ensinava e curava nas sinagogas, seguindo a tradição de Israel (cf. Mt 4,23; 13,54; Mc 1,21-28; 3,1-6; 13,14-17; Lc 4,14-15; 4,43-44; 13,10-17). O evangelista João afirma, em Jo 18,20, que Jesus sempre ensinava nas sinagogas e no templo. O evangelista Lucas é o único a destacar que Jesus tinha o costume de frequentar assiduamente a casa de oração e da Palavra. O livro dos Atos dos Apóstolos relata que os apóstolos também anunciaram a Boa-nova de Jesus Cristo nas sinagogas próximas de Jerusalém.

O relato de Lc 4,16-21 apresenta a sinagoga como o lugar que Jesus costumava frequentar. Lucas é o único entre os evangelistas a destacar o hábito de Jesus de participar regularmente das atividades na sinagoga; dessa forma, ele o apresenta em conformidade com a tradição secular do povo judeu. O texto oferece elementos importantes para compreender o ministério de Jesus na Galileia.

Embora o fato de Jesus ir à sinagoga refletisse seu costume habitual desde a infância ("segundo seu costume"), a mesma expressão utilizada por Lucas em At 17,2 sugere que a prática da Igreja primitiva seguia a pedagogia do Mestre ao utilizar regularmente a sinagoga como espaço de ensino: "Ensinava em suas sinagogas e era glorificado por todos" (Lc 4,15).

GUIA JOVEM DA BÍBLIA

José Luis Albares

Este guia ajudará o jovem leitor a traçar um plano de leitura da Bíblia, que pode ser pessoal ou em grupo. Para cada livro da Bíblia, são oferecidos diversos elementos que ajudarão a entender melhor o escrito bíblico, como informações técnicas, contextualização, um miniguia de leitura e pistas sobre suas contribuições para os tempos atuais.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

> *O ato de ensinar ou instruir com base nas Sagradas Escrituras fundamenta-se na longa tradição bíblica, segundo a qual o povo de Deus sempre se nutriu da Palavra divina.*

O texto também faz referência ao dia: "... entrou em dia de sábado" (Lc 13,10.14.16; 14,1), a mesma locução que ocorre em At 13,14 e 16,13. Em Lc 4,16-21, Jesus se levanta para ler o texto de Is 61,1-2. Assim, ele fundamenta seu ensinamento, seu programa de vida e sua missão nas Escrituras.

Apesar de o evangelista Lucas mencionar outros eventos de Jesus atuando nas sinagogas e realizando curas (cf. Lc 13,10-17), é apenas em Lc 4,16-21 que ele menciona o conteúdo de seu ensinamento. Portanto, aqui temos um exemplo do tipo de mensagem que Jesus proclamava nas sinagogas ao longo de seu ministério público. Ele é a Palavra semeada e, ao mesmo tempo, o semeador da Palavra. Assim, o evangelista conecta sua atividade de ensinar com o evento anterior, no qual, nas tentações, Jesus responde ao diabo citando as Escrituras. Lucas apresenta o ensinamento inaugural de Jesus, conforme as profecias do Antigo Testamento e sob a ação do Espírito Santo. Em Lc 4,15, Jesus é glorificado pelo seu modo de ensinar.

No terceiro Evangelho, Jesus é retratado como um judeu piedoso que frequenta regularmente a sinagoga para ensinar e curar. Em Atos, seus discípulos, fiéis ao seu modo de ensinar, também veem a sinagoga como um *locus* importante para a pregação cristã primitiva. As origens dessa instituição não são totalmente claras, mas, no primeiro século, ela já existia por toda a Palestina e na diáspora. O livro dos Atos dos Apóstolos também oferece importantes evidências sobre as práticas litúrgicas sinagogais no início do período cristão, retomando

toda a tradição do Antigo Testamento: "Com efeito, desde as antigas gerações, Moisés tem em cada cidade seus pregadores, que o leem nas sinagogas todos os sábados" (At 15,21).

Como esse texto exemplifica, no sábado, a sinagoga era especialmente o lugar dedicado à leitura e à explicação das Escrituras, uma prática desenvolvida com base na Lei mosaica. Além disso, os estudos arqueológicos confirmam que a arquitetura das sinagogas parecia favorecer a troca livre de ideias entre os ouvintes presentes, e a prática sinagogal permitia que qualquer pessoa que tivesse algo relevante a dizer pudesse falar; isso é novamente pressuposto em Lc 4,16-30 e At 13,15. A apresentação de Lucas indica não apenas que Jesus demonstrava regularmente sua piedade ao frequentar a sinagoga no sábado, mas também que era seu costume assumir o papel daquele que lia e explicava as Escrituras (cf. At 17,2). A expressão "como era seu costume" destaca o caráter paradigmático deste episódio, no que diz respeito tanto às práticas sabáticas de Jesus quanto ao conteúdo de sua proclamação.

Quanto à citação do texto do profeta Isaías, trata-se de um texto que incorpora duas passagens: Is 61,1-2 e Is 58,6, tendo sido a expressão "para restituir a liberdade aos oprimidos" adicionada por Lucas na passagem de Is 61,1-2. Desse modo, o evangelista chama a atenção especial dos ouvintes para a palavra "libertação", como uma atividade característica do ministério de Jesus. O recorte lucano da passagem de Isaías é composto de três subunidades que destacam as características teológicas do programa missionário segundo o Evangelho de Lucas: o Espírito o acompanha em tudo o que Jesus realiza; ele veio para proclamar a Boa-nova aos pobres, cativos e cegos, restituir a liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor.

As ações que se destacam na passagem de Isaías são a unção e a consagração pelo Espírito para evangelizar, proclamar e restituir, ressaltando que o verbo "proclamar" aparece duas vezes e está diretamente associado ao verbo "evangelizar". Assim, na perspectiva lucana, o conteúdo da evangelização de Jesus e de seus seguidores tem como fonte a Palavra de Deus, revelada nas Escrituras, pois ela é o princípio vital que perpassa toda a história da salvação. Por isso, falar de uma animação bíblica da catequese é um convite a examinar as Sagradas Escrituras, para redescobrir como as palavras e ações de Jesus são a centralidade do anúncio querigmático da Igreja.

O modo de ensinar adotado por Jesus estava em sintonia com o pensamento e a cultura de seus ouvintes. Na mentalidade semita de seu tempo, palavras e ações estavam intimamente ligadas. Lucas sintetiza a narrativa do terceiro Evangelho como uma exposição ordenada de tudo o que Jesus realizou e ensinou: "Fiz meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o começo, até o dia em que foi arrebatado ao céu, depois de ter dado instruções aos apóstolos que escolhera sob a ação do Espírito Santo" (At 1,1-2). As palavras anunciam os feitos, e estes esclarecem seus significados. Na antropologia bíblica, ações e palavras bastam para descrever o perfil de uma pessoa. Porém, no mundo bíblico, esses dois elementos têm como finalidade estar a serviço da comunicação com Deus, na oração, no culto e na transmissão de seus ensinamentos. As ações e palavras de Jesus estavam sempre em conformidade com a vontade do Pai.

2. O processo de elaboração e proposta da animação bíblica

O caminhar da Palavra, do qual se originou o novo paradigma de uma animação bíblica em toda a pastoral e, consequentemente, na catequese, passou por longo processo histórico-eclesial. Nesse caminhar da Igreja, no qual a Palavra de Deus ocupa lugar central em seu agir pastoral, o Movimento Bíblico, que surgiu em meados do século passado, teve um papel fundamental. Para chegar à promulgação da

Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV), houve um despertar de toda a Igreja, capaz de trazer para novos contextos a centralidade da Palavra de Deus na obra da evangelização. Nesse percurso, reconhece-se como foi positiva a presença permanente e cada vez mais abundante das Sagradas Escrituras nas conferências episcopais e no magistério da Igreja, permitindo, assim, a consciência de que todos os batizados devem venerar as Sagradas Escrituras assim como veneram a Eucaristia; não apenas conhecê-las, mas orientar sua vida discipular com base nelas.

A Igreja, impulsionada pelo papa Francisco para um estado permanente de saída missionária, é enviada em missão para evangelizar em novos contextos sociais e culturais, seguindo os passos do Mestre, que ordenou, antes de subir ao céu: "Recebereis uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia, na Samaria e até os confins do mundo". Essa tarefa evangelizadora, entendida como o processo pelo qual uma pessoa é iniciada no caminho da fé e acompanhada em sua inserção na vida eclesial, exige novas chaves para a iniciação à vida cristã, a fim de responder às realidades dos destinatários do nosso tempo. Esse desafio também é apresentado pelo novo Diretório para a Catequese, que recorda aos evangelizadores a necessidade de estarem atentos aos cenários culturais contemporâneos. A proposta para a catequese nos próximos anos requer a capacidade de dialogar e escutar o mundo globalizado, plural, mutável, influenciado pelas mídias sociais e de comunicação. Diante de uma realidade multiforme, dinâmica, complexa e poliédrica, permanece a fidelidade ao modo de proclamar o Reino de Deus de Jesus de Nazaré, cuja centralidade do anúncio querigmático são as Escrituras, pois nelas se pauta o agir cristão.

Desde sua origem, a Igreja tem vivido e vive sob o influxo da Palavra. A Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini*, ao propor o novo paradigma de uma animação bíblica de toda a pastoral, com a centralidade da Palavra de Deus na vida e missão da Igreja, está indicando, na verdade, um ideal, uma meta, um desejo de voltar às fontes de sua origem. As Sagradas Escrituras dão testemunho de que tudo o que existe foi feito por meio da Palavra, do Logos divino encarnado.

3. Animação bíblica para uma catequese querigmática e mistagógica

Uma aproximação do texto de Lc 4,16-21, numa perspectiva praxiológica no âmbito da catequese, aponta para um dos elementos essenciais da natureza da catequese: o anúncio querigmático. No centro da estrutura literária do texto, a voz do narrador cede lugar à voz de Jesus, que proclama o texto retirado das profecias de Isaías. Partindo da pedagogia de Jesus, pode-se tomar aqui um dos critérios bíblicos basilares para a iniciação à vida cristã: a centralidade da Palavra de Deus na formação do discipulado de Jesus Cristo.

Antes de tudo, a natureza da catequese é o anúncio querigmático no contexto de seus destinatários. Jesus leva em consideração a experiência de vida de seus ouvintes e a mística de seu povo, que frequentava assiduamente as sinagogas como um modo de se aproximar das Escrituras, buscando nelas as orientações para um modo de vida conforme as diretivas de Deus. A metodologia proposta pelo texto implica não apenas o conhecimento, mas também o contato com a realidade dos sujeitos da catequese, com o entorno comunitário em que se desenvolvem, com o meio social, econômico, religioso e cultural ao qual pertencem, e com o mundo, entendido como as possibilidades ou os horizontes que moldam a vida do sujeito.

Assim como a sinagoga no tempo de Jesus era o lugar em que a comunidade dos fiéis se alimentava da Palavra, a catequese hoje, sobretudo na realidade eclesial latino-americana, é um lugar de encontro entre a Palavra e a vida.

A catequese é uma proposta de integração entre a Palavra e a vida, tanto no nível comunitário quanto pessoal. A expressão dessa integração conduz à experiência mistagógica, que culmina na práxis celebrativa da fé. Em primeiro lugar, trata-se da catequese de iniciação cristã, em que o primeiro anúncio tem como finalidade o reconhecimento da pessoa de Jesus. Após o processo de acompanhamento, guiado à luz da Palavra, o catequizando toma a iniciativa, sendo ele mesmo quem avalia seu crescimento pessoal na adesão à pessoa de Jesus.

O evangelista Lucas retrata Jesus como aquele que ensina com base nas Escrituras. Outro elemento importante na catequese é a figura do catequista, como aquele que tem familiaridade com a Palavra e, por isso, a anuncia como testemunha de fé. Portanto, do catequista exige-se também uma capacidade de interpretar o texto sagrado, em vista de sua aplicação na vida de fé. Como anunciador e hermeneuta, o/a catequista deve sempre estar a serviço da Palavra. Ao terminar a leitura do texto do profeta Isaías, Jesus declara: "Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura". Esse é o destino da Palavra na vida de quem a escuta: realizar as ações que decorrem do texto; isto é, produzir frutos na vida de quem a escuta e acolhe.

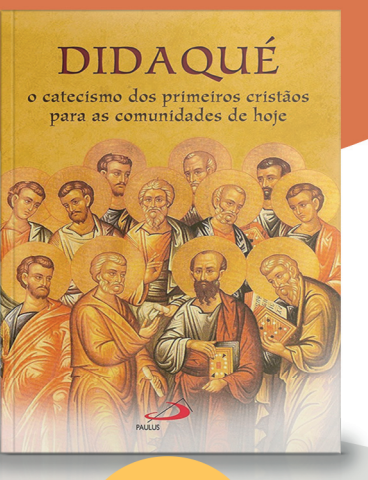
4. Para uma animação bíblica da catequese

Para que haja, de fato, uma animação bíblica da catequese, é necessária sólida formação bíblico-teológica daqueles que assumem

> *"A proposta para a catequese nos próximos anos requer a capacidade de dialogar e escutar o mundo globalizado, plural, mutável, influenciado pelas mídias sociais e de comunicação."*

DIDAQUÉ

Vv. Aa.



CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Didaqué ou doutrina, instrução, é o nome do que poderíamos chamar de catecismo dos primeiros cristãos, escrito em fins do primeiro século, em grego. A Didaqué nos permite conhecer as origens do cristianismo: como eram as celebrações, a organização e a vida das primeiras comunidades, como era a iniciação cristã, como se vivia o evangelho. A presente tradução traz introdução e notas esclarecedoras.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

o ministério catequético na Igreja. A pessoa que exerce o ministério de catequista desempenha dupla função em sua missão evangelizadora: a de hermeneuta e mistagogo. Como guia da caminhada espiritual de seus catequizandos, o catequista é alguém que possibilita aos destinatários da Palavra passar da compreensão para a vivência das Escrituras. Para exercer tão grande ministério, quem evangeliza precisa cultivar uma espiritualidade cuja fonte primordial seja a Palavra de Deus.

A proposta de uma animação bíblica da catequese se insere num processo de comunhão e participação em todos os níveis de ministérios, comunidades, pessoas e carismas (cf. DAp 169), que, convencidos da importância da sinodalidade, se integram na dinâmica da pastoral orgânica. Portanto, o ministério catequético não está isolado dos demais ministérios exercidos na comunidade de fé.

Nesse sentido, a centralidade da Palavra de Deus no processo catequético significa, pois, uma disposição para articular e acompanhar todos os esforços pastorais, de tal forma que transpareça na comunhão nascida da práxis do mandamento do amor. Esse modelo de catequese, que parte de uma compreensão orgânica de toda a pastoral, situa a pessoa do catequista não como mestre, mas como discípulo, seguindo o itinerário proposto por Jesus na imagem apresentada nas sete parábolas do Reino no capítulo 13 do Evangelho segundo Mateus. Desse modo, o escriba se converte em discípulo mediante o conhecimento novo que vem das Escrituras e das experiências de discipulado de quem tem como único Mestre o Senhor Jesus. A imagem do escriba instruído no Reino dos Céus é inspiradora para a animação bíblica da catequese, pois ele é o depositário das coisas novas, ou seja, do novo modelo de catequese de inspiração catecumenal, e, ao mesmo tempo, das coisas antigas, que são o tesouro da tradição da Igreja: "Então lhes disse: 'Por isso, todo escriba que se tornou discípulo do Reino dos Céus é semelhante ao proprietário que do seu tesouro tira coisas novas e velhas'" (Mt 13,52).

Entendida dessa forma, a animação bíblica da catequese carrega esse tesouro das coisas novas e velhas, sabendo olhar para trás e reconhecendo a riqueza da Tradição apostólica, de uma Igreja que nasce e desenvolve sua missão ao redor da Palavra. É uma catequese que se coloca no caminho da pedagogia divina de Jesus Cristo, o qual cuidou atentamente da formação de seus discípulos. Ele soube acolher seus discípulos, mas também provocar neles o desejo de dar passos para o acolhimento da graça e da disponibilidade para a conversão.

CONCLUSÃO

O caminhar da Palavra de Deus na Bíblia é a fonte de inspiração para a verdadeira animação bíblica da catequese. À luz das orientações do novo Diretório para a Catequese, durante o magistério do papa Francisco, a catequese assume uma perspectiva missionária, com o desejo de viver e irradiar a alegria do Evangelho. O ministério catequético se traduz em uma diaconia da Palavra, ressaltando que escutar, ler, meditar, celebrar e traduzir em obras a Palavra é um itinerário que se apresenta a todos os sujeitos da catequese, para que todos possam compreender que na Palavra de Deus está a fonte de vida e, por isso, fazemos dela o alimento de toda a vida e missão da Igreja.

A animação bíblica da catequese afirma, desse modo, a sacramentalidade da Palavra, que existe desde sempre e para sempre. Palavra que, por seu caráter performativo, não apenas diz, mas age. A exemplo de Jesus, que define sua missão salvífica retomando o texto de Isaías, a catequese, animada pela Palavra de Deus, põe-se a serviço de seu anúncio, para que, por meio dela, cada batizado possa ter seu encontro pessoal com Jesus Cristo. E o Espírito Santo guia, acompanha e fortalece a Igreja nesse itinerário catequético. É ele o protagonista da missão da Igreja; é o dom do Ressuscitado que infunde a força para que os evangelizadores anunciem a Palavra com parrésia (cf. EG 259). VP

> *“A proposta de uma animação bíblica da catequese se insere num processo de comunhão e participação em todos os níveis de ministérios, comunidades, pessoas e carismas.”*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI, Papa. *Verbum Domini*: Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BUITRAGO LÓPEZ, C. J. *Fontanalidad de la Palabra de Dios en vista a la nueva evangelización*: génesis de la animación bíblica de la pastoral, su gestación y recepción en el Magisterio de la Iglesia. Bogotá: Celam, 2019. t. 1.

BUITRAGO LÓPEZ, C. J. *Fontanalidad de la Palabra de Dios en vista a la nueva evangelización*: perspectivas y desafíos de la animación bíblica de la pastoral. Bogotá: Celam, 2019. t. 3.

BUITRAGO LÓPEZ, C. J. *Fontanalidad de la Palabra de Dios en vista a la nueva evangelización*: teología de la animación bíblica de la pastoral. Fundamentación y actualidad. Bogotá: Celam, 2019. t. 2.

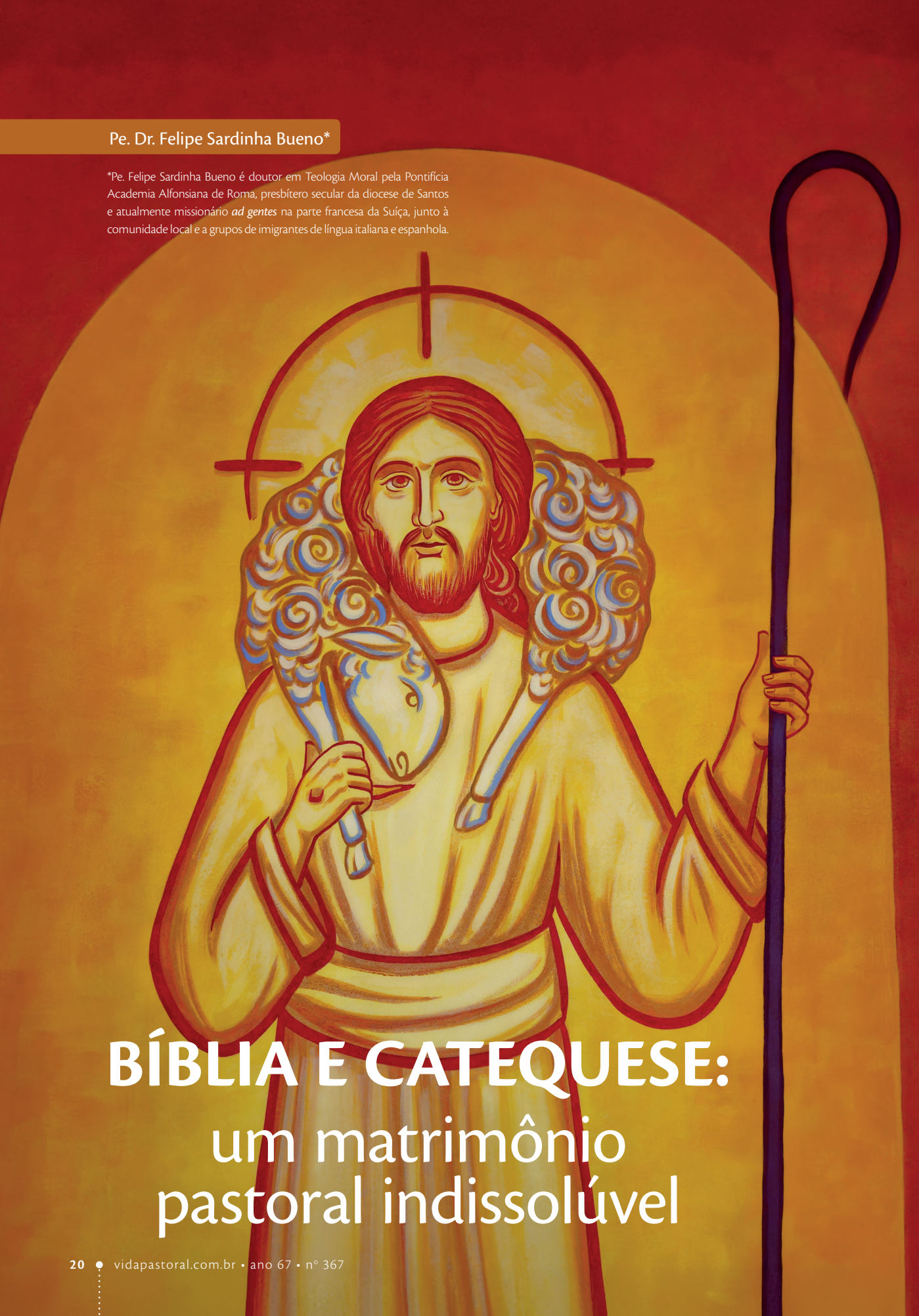
FINE, S. *Sacred realm*: the emergence of the synagogue in the ancient world. Oxford: Oxford University Press, 1996.

FITZMYER, J. A. *The Gospel according to Luke X-XXIV*. New York: Doubleday & Company, 1985.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília, DF: Ed. CNBB, 2013.

Pe. Dr. Felipe Sardinha Bueno*

*Pe. Felipe Sardinha Bueno é doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Academia Alfonsiana de Roma, presbítero secular da diocese de Santos e atualmente missionário ***ad gentes*** na parte francesa da Suíça, junto à comunidade local e a grupos de imigrantes de língua italiana e espanhola.



BÍBLIA E CATEQUESE: um matrimônio pastoral indissolúvel

Este artigo pretende convidar os agentes de pastoral que trabalham mais diretamente com percursos catequéticos nas comunidades a se enamorarem da Palavra de Deus, fonte primaz de nossa espiritualidade, a fim de difundi-la no apostolado cotidiano.

1. Como seria um encontro catequético?

Eram os anos da última década do segundo milênio. Conduzidos por nossos pais, íamos pela primeira vez ao encontro catequético em preparação para a primeira comunhão na singela capela dedicada ao apóstolo dos gentios (São Paulo). Tudo era novo. Havíamos entrado em contato com esse tema somente alguns anos antes, quando nossa avó portuguesa mostrara a mim um catecismo antigo com questões básicas de doutrina e orações a serem recitadas.

Pensávamos que a nobre catequista, a qual encontrávamos pela primeira vez na ocasião, iria fazer, na reunião formativa conosco, uma espécie de "tabuada espiritual", com orações a serem decoradas e fielmente reproduzidas, tal qual em uma típica prova dialogal. A surpresa, porém, chegou de um modo encantador: tratava-se de uma reunião dinâmica, animada com a Sagrada Escritura, publicada pela Paulus Editora (a conhecida "Bíblia Pastoral"), plena de espiritualidade, significado e reflexão acerca da história da salvação, desde o Primeiro Testamento – trazendo nossa criação e o projeto de liberdade anunciado por meio do êxodo do povo eleito rumo à Terra Prometida – até as primeiras comunidades vivas, repletas de entusiasmo, nascido da certeza da entrega do Cristo crucificado e ressuscitado, e o envio do seu Espírito para santificar-nos.

2. Bíblia e catequese: uma união metodológica indispensável

Esse breve relato autobiográfico de nosso ingresso na preparação para a sagrada comunhão, acima descrito, traz consigo um incentivo fundamental para a animação catequética cotidiana, o que poderia, por um lado, parecer evidente, mas, por outro, ser facilmente olvidado sem o devido cuidado apostólico: trata-se do autêntico uso da Bíblia na catequese, nos percursos preparatórios para os sacramentos de iniciação à vida cristã, como o batismo, a Eucaristia e a confirmação, bem como nas atividades pastorais como um todo, a fim de se manter coerentemente a fidelidade ao projeto divino, traduzido em sua revelação histórica, e a custódia da Igreja desse tesouro a nós confiado, por meio de seu magistério e Tradição.[1]

A Palavra de Deus, base de nossa estrutura cristã, não poderia ser coadjuvante nesse processo formativo comunitário, pois, além de ser fonte espiritual por excelência, nos garante a coerência com os valores do Reino divino ali inscritos. Se essa Palavra forte e transformadora se reduzisse exclusivamente a passagens "adocicadas", aleatoriamente retiradas para sustentarem cosmovisões e discursos de descompromisso com Aquele que nos chama a uma vivência integral e harmônica, perderia seu vigor e valor.

3. Como usar essa Palavra no programa educativo-catequético de modo coerente, bem articulado e salutar?

A resposta a tal pergunta dependerá de cada realidade e necessidade pastoral, mas, fundamentalmente, a compreensão acerca da conexão do período pré-cristão e seu desenvolvimento com a literatura neotestamentária é absolutamente exigida, a fim de entender a Bíblia como um todo.

[1] Sobre a revelação divina, Romano Guardini reflete de modo magistral na sua referência às Sagradas Escrituras, à Tradição e ao magistério na seguinte obra: *La visione cattolica del mondo*, Brescia: Morcelliana, 1994.

Se levarmos em consideração que Jesus, o Cristo, provém de uma tradição anunciada pelos profetas e por sua cultura hebraico-judaica, enriquecida com os 46 títulos da primeira parte dos escritos sagrados, veremos o sentido da unidade semântica existente entre os dois testamentos e a possibilidade de ler, nos eventos da salvação, o acompanhamento cuidadoso do Deus de nossos pais e seu cume de amor manifestado na encarnação do Verbo, narrada nos Evangelhos, e em sua entrega completa por cada um de nós, pecadores por ele redimidos: "O único sacrifício perfeito e agradável a Deus é o de dar-lhe o devido louvor e a devida glória. A maior doxologia e ação de graças é o sacrifício oferecido em nome de Jesus Cristo" (Gomes, 2006, p. 57).

4. Se essa Palavra é tão rica, como interpretá-la de um modo zelosamente cristão, sem deixar escapar seu conteúdo precioso?

Esse questionamento pode ser descrito como uma espécie de "núcleo" que permite a muitos catequistas sentirem certo "medo" no uso da Bíblia em seu apostolado, sentimento poeticamente cantado neste antigo hino anglicano: "Penetrando num mundo [...] onde espetros povoam, medonhos, e dominam dos homens a mente" (Conselho Nacional da Igreja Episcopal Brasileira, 1962, p. 179).

A Bíblia, de fato, é profunda e possui não poucos trechos difíceis de compreender e abordar em meditações pessoais e encontros comunitários. Alguns deles se assemelham a relatos de violência (por exemplo, 1Sm 31,1-4) e são até mesmo polemicamente ousados, como os textos dos profetas, que denunciavam as injustiças e corruptelas institucionais dos poderes reinantes em sua época (por exemplo, Amós).

Nem todas as passagens são psicologicamente "confortantes", como poderiam nos fazer supor as que costumam ser compartilhadas em redes sociais na atualidade. Algumas delas nos remetem ao imperativo do compromisso com o outro (cf. Lc 10,25-37) e com toda a criação (cf. Rm 8,22), como resposta ao compromisso divino, e chamam o povo a uma autêntica conversão, não somente pessoal, emocional e existencial, mas também comunitária, estrutural e político-cultural. Assim afirma Boselli (2014, p. 160): "o fiel não pode prestar culto ao Senhor e, ao mesmo tempo, ignorar o irmão que está na necessidade".

Daí decorrem os desafios diante de uma tendência, observada em diversos contextos, cada vez mais crescentes, de diluição dos conteúdos de nossa fé para agradar à "clientela religiosa" em suas diversas "facções" de desejos criados. Toda essa reflexão nos indicaria caminhos para não nos perdermos na interpretação bíblica, mas nos saciarmos desse tesouro que dá sentido à nossa caminhada eclesial desde o processo catequético inicial.

A seguir, partilhamos algumas indicações práticas para o uso honesto, esmerado e destemido do conteúdo da revelação por parte de nossos estimados agentes pastorais eclesiais.

1) Para bem interpretar a Bíblia e usá-la nos encontros, sobretudo com crianças e jovens, de modo coerente, faz-se necessário estudá-la antes com afinco. Além das diversas edições críticas da Sagrada Escritura, existentes no mundo editorial brasileiro, como aquelas comentadas teologicamente de maneira intensiva, trecho por trecho, por especialistas, há muitos materiais textuais e audiovisuais disponíveis de alta qualidade para entender aquilo que está escrito, seu contexto cultural, sua mensagem principal e as possibilidades de atualização. Os modos de transmitir aquilo que foi assimilado deverão ser adaptados conforme a realidade, o público-alvo e as necessidades mais urgentes do grupo escolhido: "Nos diversos níveis da vida humana está presente a comunidade, sempre com uma dinâmica própria e exigências [...] específicas" (Pontifícia Comissão Bíblica, n. 135).

2) Não ter medo do que se lê: a Bíblia não foi escrita ontem, tampouco é uma carta para nos deleitar simplesmente, mas consiste em uma história redigida durante séculos, em um complexo arcabouço literário pleno de batalhas pela preservação da fidelidade ao Deus de nossos pais contra a constante tentação da idolatria, de transformar o sagrado em instrumento de justificativa dos próprios interesses, ideologias e anseios, os mais diversos possíveis, mediante a distorção de sua identidade.

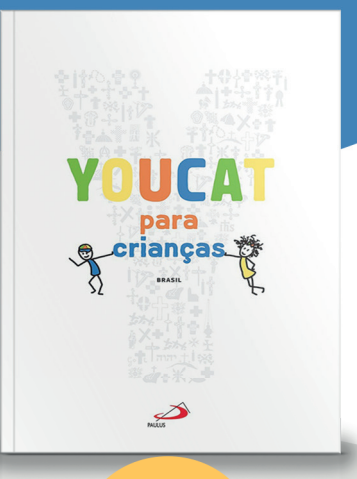
3) Em muitas dioceses brasileiras, desenvolvem-se meios de formação teológico-pastoral e catequética eficazes, alguns presenciais e não poucos por intermédio de plataformas *on-line*, constituindo uma oportunidade de crescimento no saber e de intercâmbio de conhecimentos com outros atores da pastoral ordinária católica.

4) Ser católico não significa ser submisso a alguns poucos, que se dizem proprietários da "verdade", mas implica obediência a um projeto maior de salvação e reta expressão de fé, sustentada e salvaguardada historicamente pelo magistério. A fim de não cair em discursos vazios de falsos profetas (até mesmo daqueles "sacramentalizados" institucionalmente), faz-se mister entrar em contato, de modo consciente, com a Palavra divina e buscar, em seus tesouros mais escondidos, as pistas que permitiram à Tradição eclesiástica nos introduzir nos mistérios da fé e na linguagem dogmática. Nesse sentido,

> *"A Bíblia não foi escrita ontem, tampouco é uma carta para nos deleitar simplesmente, mas consiste em uma história redigida durante séculos, em um complexo arcabouço literário."*

YOUCAT
PARA CRIANÇAS

Fundação Youcat



CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Com linguagem acessível ao público infantil, o YOUCAT para crianças apresenta os preceitos da fé católica tratados no Catecismo da Igreja, sem, no entanto, ter a preocupação de apresentá-los exaustivamente. O livro tem o formato de perguntas e respostas, oferecendo, para cada assunto tratado, uma resposta em linguagem infantil que é, ao mesmo tempo, autorizada pela fé católica.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

o conhecimento das Escrituras torna-se um instrumento valioso para filtrar mensagens de videntes, gurus e *coachs* espirituais (leigos e clérigos) que aparecem cotidianamente, os quais, em tantas ocasiões, exibem seus vínculos com a catolicidade, mas, não poucas vezes, desviam-se daquilo que foi revelado e sistematizado no conteúdo bíblico e custodiado por nossa Igreja, desde sua fundação no primeiro século até hoje, por meio de sua rica Tradição.

5) Estudar a Bíblia é resistir às interpretações simplistas dos que almejam reduzir o Deus revelado à sua própria imagem e semelhança e a princípios conceitualmente erigidos por meio de secções de pensamento e de vontade egocêntricas.

6) Entrar em contato com a Bíblia para transmitir conteúdos catequéticos, passar valores sagrados aos outros, possibilita que se inicie um percurso de coesão consigo mesmo. Por tal razão, a Palavra traz vida e plenitude àqueles que a manuseiam, além de ideias e sustentação de ideais éticos profundos.

7) Outro fator importante para reservar lugar essencial à Palavra de Deus na formação e na espiritualidade cristãs é evitar a entrada de superstições, de conteúdos externos "suspeitos", e manter a identidade divina salvaguardada (no conteúdo bíblico revelado). De fato, quando se estudam tais textos, percebem-se princípios correlatos ao ser de Deus em sua atuação junto a seu povo. Trata-se de uma maneira de escapar de uma imagem muito "mágica" do divino, de um lado (desencarnada da realidade), e, de outro, de expressões fundamentadas em certa "cultura de medo e ansiedade intermitentes", em que a imagem do Senhor misericordioso cederia lugar a uma espécie de "fiscal" rigorista de uma lei desumana, sempre pronto a julgar e condenar escrupulosamente aqueles que lhe desobedecem nos mínimos preceitos – uma falácia que obnubila a real compreensão de um Ser divino compassivo e atencioso, o qual acompanha seu povo em um processo contínuo de crescimento, de transformação, e se permite sempre estender a mão, perdoando àqueles que se dispõem a ser ajudados no processo de redenção.

8) O uso de catecismos, livros didáticos e guias catequéticos não anula a presença da Bíblia; pelo contrário, prepara o caminho para a devida construção da base escriturística, pois, se nossa doutrina possui algumas características essenciais, ordinariamente professadas, isso se deve a essa fundamentação bíblica por excelência, alimentada pela Tradição e discernida pelo magistério católico.

9) Entrar em contato com os textos bíblicos na catequese e na vida pastoral diária permite chegar a uma compreensão mais acurada daquilo que é proclamado nas liturgias ordinárias, tornando a participação mais consciente e coerente ao descortinar o sentido da manutenção da unidade das duas mesas (liturgia da Palavra e liturgia eucarística).

10) Ao nos permitirmos utilizar a Sagrada Escritura em nossos encontros catequéticos e pastorais, veremos que, ao invés de

falarmos por meio dela, será ela que, por meio de nós, chegará ao coração das pessoas e as ajudará a crescer no caminho para a eternidade. Ao colocarmos o texto santo no centro, veremos até mesmo que muitos dos nossos planos organizacionais e apostólicos serão transformados, pois, afinal de contas, onde a Palavra de Deus toca, não há como deixar de perceber ali mudanças significativas motivadas pelo Espírito Santo, que, por intermédio dela, age em nós e nos reconfigura, em vista de seu projeto redentor universal.

5. Bíblia na catequese: o retorno às fontes

O aproveitamento da Bíblia nos encontros catequéticos, além de responder ao chamado do Concílio Vaticano II de retorno às fontes, promove nas crianças, jovens e adultos o encontro direto com a redação sagrada, na qual estão presentes os conteúdos essenciais da revelação divina, demonstrando como Deus escolheu a humanidade e como, sobretudo, por meio da Palavra feita carne, Jesus, o Cristo, fomos acolhidos em seu processo de salvação, tornando-nos protagonistas de um amor incomensurável.

Ao mergulharmos nesse conteúdo, não somente enriquecemos nossa fé, nossos argumentos teológicos e nossa espiritualidade comunitária ordinária, mas também nos permitimos ingressar em um caminho autêntico de conversão, como resposta ao Deus que por nós se entregou, ao se relacionar conosco desde o início da criação em perspectiva de intimidade.

> *“O uso de catecismos, livros didáticos e guias catequéticos não anula a presença da Bíblia.”*

Ainda que não entendamos tudo de início ou que leve um tempo até que certas crenças populares sejam substituídas por princípios bíblicos mais robustos no processo, não há problema, pois a própria pedagogia divina toma em consideração o crescimento paulatino de cada um, e o mesmo se aplica ao desenvolvimento do conhecimento escriturístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que não podemos aceitar é a mediocridade, contrária em si mesma ao Deus revelado, pois ela provocaria estagnação e desvio de sentido daquilo em que cremos. Poderíamos talvez nomear essa atitude, vislumbrada em alguns agentes pastorais catequéticos (leigos ou ordenados ministerialmente), como uma “heresia comportamental”, perigosa para a saúde espiritual das comunidades nas quais os citados estão diretamente implicados.

Lancemo-nos ao contato com aquilo com que Deus nos presenteou durante séculos, e os frutos – no tempo dele, e não da lógica imediatista do mercado contemporâneo, ansioso por resultados rapidamente alcançados – florirão para o bem de todos os envolvidos e em fidelidade ao Deus que nos escolheu como agentes propagadores de seu Reino, para compartilhá-lo com os que são a nós confiados. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília, DF: Ed. CNBB, 2014.

CONSELHO NACIONAL DA IGREJA EPISCOPAL BRASILEIRA. *Hinário*. Porto Alegre: Metrópole, 1962.

GOMES, J. A. A Eucaristia em São Justino. *Cadernos Patrísticos,* Florianópolis, ano 1, n. 1, p. 51-58, 2006.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e moral*: raízes bíblicas do agir cristão. São Paulo: Paulinas, 2009.

Dr. Altierez dos Santos

Altierez dos Santos já ajudou muitas paróquias e dioceses a implantar o processo de iniciação à vida cristã catecumenal. É doutor em Ciências da Religião, escritor e formador junto a catequistas, ao clero e a pessoas consagradas. É membro da Sociedade Brasileira de Catequetas, fundador da Rede Catequista em Missão, professor do Seminário São José da arquidiocese de São Paulo, editor-assistente e consultor para a catequese da Paulus Editora.

A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ DEU CERTO?

Neste artigo, tratamos da relação entre a crise de evangelização da Igreja Católica e o processo de iniciação à vida cristã. A capacidade de evangelizar – levando-se em conta os resultados do Censo de 2022 – está, mais uma vez, sob questionamento. O processo catecumenal conseguirá ajudar a Igreja a reencontrar sua vocação de evangelizar? O que ainda falta fazer?

A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ DEU CERTO?

Essa pergunta pode ser, ao mesmo tempo, incômoda, atrevida e óbvia. O *incômodo* que a questão traz é positivo e promove a reflexão a respeito de um tema urgente: a Igreja Católica está conseguindo evangelizar o Brasil? Até onde ela alcança e até que ponto impacta seu próprio rebanho? A iniciação à vida cristã (IVC) deu certo? A *ousadia* da pergunta está no fato de que pouco se fala, de modo sério e profundo, sobre o catolicismo ser hoje uma religião recessiva em uma cultura plasmada por ele. Seja para não provocar mal-estar em nossa excelente hierarquia ou no venerável clero, seja para manter uma diplomacia palaciana, o tema da crise da Igreja Católica até aparece, mas sempre de forma protocolar e vaga. Contudo, é *evidente* que estamos em uma crise de evangelização, formada por outras crises coexistentes no mesmo tecido eclesial.

A perda gigantesca de membros e a crise de relevância expõem uma grande ferida da Igreja Católica, que gera o questionamento: perdemos a vocação de evangelizar? Embora algum teólogo ou até prelados tenham classificado nosso encolhimento como "natural" ou "tranquilo", nada há de normalidade em uma situação dessas. Na ausência de uma reflexão mais séria, logo aparece alguém enfrentando o constrangimento com a famosa e um pouco ingênua declaração: "Queremos qualidade e não quantidade".

Como a pergunta sobre se "a IVC deu certo ou não" é complexa, trarei outros questionamentos breves, que estão abrigados no seio dessa questão e a iluminam melhor. De antemão, declaro que estas notas não são uma crítica, mas sim um reconhecimento a tantos padres, freiras, catequistas e bispos que se desdobram com heroísmo para concretizar o processo catecumenal como uma resposta à crise.

1. Tivemos algumas décadas perdidas?

Não há uma resposta única. O último século da Igreja Católica foi marcado pela intensidade. Passamos de aproximadamente 103 milhões de católicos em 1980 para aproximadamente cem milhões em 2020 (IBGE, 2025), número que não acompanhou o crescimento demográfico nacional, uma vez que saltamos de 112 milhões de habitantes para 212 milhões no respectivo período. Por outro lado, crescemos nos meios de comunicação de massa, em números de dioceses e paróquias e em prática pastoral. Nas alternâncias, criamos seminários, perdemos conventos, fechamos hospitais, construímos novas escolas, não conseguimos manter obras de caridade, mas inauguramos novas instituições. Em meio a tudo isso, no entanto, a crise mais grave foi a perda de membros, tradicionalmente atribuída a "diversos fatores" sócio-históricos. Entre eles, foi identificado o que era mais óbvio: uma catequese deficitária, que não iniciava à vida cristã.

Quando a crise de evangelização foi escancarada na década de 1990, um grupo de catequetas – entre os quais figuravam personalidades icônicas como padre Lima, irmão Nery, irmã Mary, dom Albano, padre Gruen, frei Bernardo,

entre outros – comprometeu-se a oferecer uma solução "radical", que revirava as raízes da pastoral: a catequese inspirada no antigo processo iniciático cristão dos primeiros séculos.

Passou-se a falar em "catecumenato", "iniciação à vida cristã" (IVC) e "inspiração catecumenal", termos que eram estranhos a qualquer um de nós vinte anos atrás, mas, na verdade, já assinalavam um antigo apelo da Igreja para que a catequese se repensasse. O decreto *Ad Gentes*, de 1965, do sagrado Concílio Vaticano II, destacou o catecumenato e deu orientações básicas sobre ele. O Ritual para a Iniciação Cristã de Adultos (Rica, 2001), de 1972, atualizou o catecumenato com adultos e dispôs as orientações gerais sobre a estrutura dessa antiga e nova forma de catequese. Outros documentos também apontaram para uma catequese que iniciasse a pessoa na vida cristã. E é aí que entra em cena aquela peculiar dissonância entre teoria e prática...

2. Estamos à espera de um milagre?

Depende muito de quem responde à pergunta. Grande parte dos presbíteros e consagradas/os entende que sim, há uma crise na nossa capacidade de anunciar Jesus às pessoas: vocações leigas tornam-se raras, assembleias encolhem e continuam surgindo grupos pentecostais no território da paróquia a todo momento. Se a pergunta for dirigida aos leigos e leigas, as respostas serão tão diversas quanto suas filiações, movimentos, iniciativas e carismas. Se perguntarmos aos bispos, creio firmemente que muitos deles levam a sério a superação dessa crise de evangelização, mas é fácil observar a ausência de uma resposta mais eficaz na maioria das nossas mais de 280 Igrejas particulares. Não é que tudo esteja parado, mas as respostas são esparsas, ocasionais e descontínuas, muitas das quais sendo devedoras aos movimentos. Num quadro geral, a totalidade da Igreja ainda se comporta de modo amador e sem eficácia com relação a essa estarrecedora sangria de pessoas que deixam o catolicismo e embarcam em aventuras no pentecostalismo e

CATEQUESES DO PAPA FRANCISCO VOL. I

Papa Francisco

O vol. 1 da coleção reúne as séries de catequeses do Santo Padre, proferidas nas audiências gerais de quarta-feira, sobre as seguintes temáticas: A PROFISSÃO DE FÉ (de 3 de abril a 11 de dezembro de 2013); OS SACRAMENTOS (de 8 de janeiro a 2 de abril de 2014); OS DONS DO ESPÍRITO SANTO (de 9 de abril a 11 de junho de 2014); A IGREJA (de 18 de junho a 26 de novembro de 2014); A FAMÍLIA (de 10 de dezembro de 2014 a 18 de novembro de 2015).

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

> *“A fé precisa fazer sentido para os catequizandos e precisa fazer a diferença na forma como veem o mundo.”*

em outros segmentos religiosos. Alguns círculos, especialmente de catequistas e padres, abraçaram o processo catecumenal como tábua de salvação, mas ainda não houve tempo para confirmar o impacto dessa novidade. Talvez a ausência de um consenso sobre a origem da crise seja o único ponto em comum nas respostas das lideranças laicais e clericais diante dessa crise que já dura décadas. Quem olha o conjunto pode supor que muitos esperam um milagre, sim.

3. O que o Censo nos revela?

O Censo de 2022 (IBGE, 2025) trouxe a confirmação de que o catolicismo continua a ser uma religião recessiva diante de outras pertenças e práticas religiosas. Quando olhamos para os registros censitários, espantamo-nos com o crescimento católico em outras regiões do mundo e também com o aparente declínio em vários países, sobretudo da América Latina. O caso do Brasil foi o mais dramático: mais de 40% da população deixou a Igreja Católica e fez um caminho que passava pelos grupos religiosos pentecostais (desembocando no grupo dos “sem-religião” quando se decepcionavam também com eles).

É verdade que o Brasil não ficou tão menos católico e mais pentecostal, como muitos estudos anunciaram ao analisarem a curva das desfiliações. Mas também é verdade que, embora a queda tenha sido refreada, não parou. Pegos no susto, improvisamos várias respostas, e algumas delas conseguiram representar uma reação de forma notável, mas, no geral, nossas comunidades eclesiais ainda não sabem muito bem o que significa “Igreja em saída”, pois orbitam ao redor de si mesmas e anunciam “dentro do aquário”, dificilmente tendo iniciativas mais audaciosas.

Seja como for, o Censo também revela que o encolhimento ainda acontece e é preciso reagir melhor a ele. Internamente ainda não há um consenso sobre como articular essa reação, mas cada vez mais a catequese de iniciação à vida cristã parece ser um caminho.

4. Evangelizamos por inércia?

No mundo do comércio, existe um conceito chamado “vender por inércia”, que diz respeito a quando uma marca ou empresa consegue manter-se relevante sem precisar investir em propaganda, pois somente a ótima reputação da marca é suficiente para garantir seu destaque. *Mutatis mutandis*, a realidade da evangelização católica parece ancorada nesse mesmo princípio.

Como resultado de uma catequese que não iniciou na fé cristã, o século XXI confirmou que o catolicismo já não tem sido a escolha de grupos sociais amplos, como estudantes, agricultores, operários, artistas, membros das ciências ou da educação, militares, industriais, pessoas de alto poder aquisitivo e muitos outros grupos. A surpresa foi que setores como jovens e até pobres (aos quais nos dedicamos tanto) também parecem não ter sido iniciados na fé nas décadas anteriores. Até mesmo os dois grupamentos mais significativos que restaram, mulheres e crianças, talvez possam nos informar que não se sentem plenamente abraçados por nossas paróquias cansadas, algumas vezes divididas, que falam apenas para dentro de si, nem sempre zelam pela comunhão e ainda gastam tempo, energia e carisma em alimentar

polarizações. Nessa pastoral de manutenção e passividade, a audácia evangelizadora pode ser rara. E o padre, por mais incansável que seja, encontra-se tantas vezes sozinho.

A implementação do processo catecumenal está sendo uma tentativa de nos posicionarmos diante da incapacidade de falar com nosso próprio rebanho de uma forma que faça sentido para ele.

5. Como a iniciação à vida cristã poderia dar alguma resposta?

O porquê de alguém trocar a doutrina cristã católica pelo pentecostalismo passa pela ausência de uma base catequética sólida. Era e ainda é comum uma liderança ou mídia protestante-pentecostal difundir informações falsas, tais como "o papa é a besta" ou "católicos são idólatras", e trabalhar com desinformações e distorções claramente anticristãs. Como não há uma mínima base catequética, quem é atingido por essas campanhas (que pode ser a mesma pessoa que compra a "vassoura ungida", mas não apenas ela!) se encontra refém de um circuito fechado de apelo emocional e aversão ao catolicismo. Na cena seguinte, esses mesmos pentecostais convidam aquela pessoa para um culto mágico no qual aparecem personagens como "encosto", "pombagira", o próprio diabo, e são feitas "revelações" que convencem que a vida do visitante está tão prejudicada pelo fato de ele ser idólatra. A fatura não demora e Jesus é rifado ali mesmo, pelas campanhas, fogueiras santas, sacrifícios e "trízimos".

De forma resumida, foi isto o que aconteceu no Brasil nas últimas décadas: por um lado, pessoas vivendo em situações de exclusão, com pouca ou nenhuma formação (sobretudo religiosa), e literalmente esperando algum milagre no horizonte; por outro, grupos religiosos pentecostais (não confundir com as comunidades protestantes ecumênicas e sérias) atuando mediante estratégias de *marketing* agressivo, teatro de supostas curas e notícias falsas.

6. O que a catequese de IVC tem de especial?

A rigor, a iniciação catecumenal tem sido realizada em doses homeopáticas, a conta-gotas e com cautela, pelas dioceses e paróquias. É compreensível pela prudência, mas censurável pela urgência. É desejável acelerar sua aplicação e aprimoramento. Na forma como o processo catecumenal tem sido entendido, atualmente há uma mescla do modo habitual de catequizar com alguns toques de IVC.

Em sua configuração original, conforme o Rica e a Tradição propõem, acrescidos das inspirações dadas pelo Diretório Nacional de Catequese e pelo Diretório da Catequese, o processo catecumenal precisaria ser um pouco diferente, propondo:

- a prevalência da experiência sobre as aulas;
- a progressão dos sentidos mediante os ritos no lugar das "formaturas de sacramentos";
- a profundidade das/os catequistas em territórios como Bíblia e doutrina (para que a catequese não fique refém das dinâmicas);
- a duração maior do percurso (conforme o Rica orienta) em vez do "cursinho" de dois ou menos anos;
- a formação de laços de fé e vida;
- a preparação para a missão;
- a densidade da experiência mística pela mistagogia;
- os elementos lúdicos voltados a formar uma comunidade fortalecida;
- uma só trajetória catequética unificada do querigma à mistagogia (como observei na diocese de Parintins, Amazonas);
- uma ou um só catequista durante todo o processo iniciático (conforme vi na arquidiocese de Porto Velho, Rondônia), a fim de superar a estrutura escolar atual, que divide o processo catequético em "séries" de Eucaristia, crisma e, às vezes, perseverança;
- a tão mencionada correção da ordem sacramental na sequência "batismo, crisma, Eucaristia" (como ocorre na diocese de Caçador, Santa Catarina).

O catecumenato poderá, por si só, salvar a catequese e fazer que aconteça uma evangelização completa? Atenção a este ponto. Por si só, ele não poderá mudar a situação. Uma diocese que resolva adotar esse estilo de catequese e não prepare suas e seus catequistas não colherá frutos. Uma catequista que aplicar em sua missão a inspiração catecumenal, mas continuar utilizando metodologias e estratégias de "sala de aula", também não conseguirá sucesso.

7. O que isso muda?

Voltemos alguns passos sobre o que se entende por evangelizar: é mostrar o caminho e providenciar experiências para que todas as pessoas se realizem e sejam felizes em sua humanidade, tornando-se completas em sua vida, vocação, ministério e missão. A fé precisa fazer sentido para os catequizandos e precisa fazer a diferença na forma como veem o mundo. Os processos de catequese que usamos atualmente não preparam as pessoas para uma vida em Cristo.

Um catequizando que passe por uma experiência unificada de IVC vivenciará o processo iniciático em cinco dimensões essenciais que a catequese precisa ter: a dimensão formativa (ou doutrinária), a mistagógica (ou espiritual), a lúdica (ou comunitária), a caritativa e a missionária. Esse conjunto de experiências abrirá para ele a possibilidade de identificar-se com Jesus e amá-lo profundamente, bem como sua Igreja. O catequizando entenderá que ele próprio e sua vida são um projeto de Deus, pois estará preparado para viver a plenitude dessa aventura radiante da vida. Nesse nível, a IVC ensina, especialmente aos mais jovens, que devem se realizar nos aspectos humanos, como professores, médicas, engenheiras, o que desejarem, sem se esquecerem de Jesus e da Igreja, mas vivendo ativamente sua fé como pessoas de vida apostólica.

Desejar implementar a catequese de IVC sem esses cuidados é o mesmo que fazer o que Jesus disse em Marcos 2,22.

8. Quais avanços já aconteceram?

A lista não é pequena, e há mais motivos para alegria do que para lamentações. Em vinte anos de ensaio e erro, a IVC tornou-se mais familiar para o clero e para os catequistas, deixando de ser um susto para ser uma alternativa, ajustando-se às diversas realidades aos poucos. Trata-se de resultados pequenos, mas, ainda assim, de vitórias. A atuação atenta de bispos como dom Leomar Brustolin e outros, eventos promovidos pelos regionais e pelas dioceses, publicações nas editoras e até mídias, como o Catequista em Missão, voltadas para catequistas criaram um cenário favorável para o processo catecumenal. A aceitação dos padres também se ampliou nos últimos anos.

As comunidades católicas, cansadas de girar ao redor de si mesmas, começam a desenvolver uma musculatura missionária e incluir os bairros onde atuam em um protoprojeto de evangelização. Começa a fazer sentido o tão ignorado jargão "Igreja em saída" que o papa Francisco propagava.

O perfil dos catequistas de hoje também não é mais o mesmo que de dez anos atrás, passando de alguém que ensinava rudimentos da fé para mestras e mestres da vida espiritual, cujo testemunho inclui também profundidade na fé. A catequese de IVC incentiva os catequistas a alcançar as cinco fronteiras essenciais dessa missão: o conhecimento em Sagrada Escritura, em sagrada doutrina, em didática e metodologia, em estratégias de comunicação e em psicopedagogia catequética.

Se há motivos para uma preocupação séria, também existem razões para celebrarmos.

CONCLUSÃO: COM CRISE SE CRESCE

Grandes transformações não acontecem de repente nem por acaso, mas lentamente, fora dos nossos radares, um pouco por dia, ao longo de anos, décadas, séculos, até que se tornam visíveis. Não será de uma hora para outra. A maioria das dioceses ainda não conseguiu

de fato implementar a inspiração catecumenal e fazer que ela produza frutos.

Não é um processo fácil; contudo, é projeto que dá frutos permanentes. Não se trata de encontrar culpados, mas sim de observar que todo o esforço feito nas últimas décadas não alcançou resultados satisfatórios na evangelização. Diante disso, não podemos continuar na acomodação, como se nada estivesse acontecendo. Toda conquista começa na decisão de tentar.

Essa árvore ainda precisará ser muito cultivada antes de dar suas primeiras flores, que possivelmente não veremos. Sejamos, porém, otimistas com o catecumenato, pois, só por ele mexer com nossa mentalidade engessada e paralisada, já está fazendo um grande milagre! Imaginemos, daqui a algumas décadas, quantas boas surpresas teremos! A catequese de IVC só poderá dar frutos se houver uma mudança na nossa mentalidade evangelizadora, que não responde aos desafios atuais. VP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IBGE. *Censo Demográfico 2022*: religiões. Rio de Janeiro, 2025.

LELO, A. F. A aplicação do Rica no Brasil. *Revista de Catequese*, ano 27, n. 108, p. 5-20, out.-dez. 2004.

LELO, A. F. *A iniciação cristã*: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005.

LELO, A. F. A iniciação cristã no Brasil. *Revista de Catequese*, ano 27, n. 107, p. 5-18, jul.-set. 2004.

LIMA, L. A. Catequese com adultos e iniciação cristã. *In*: CNBB. *Segunda Semana Brasileira de Catequese*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 318-354.

LIMA, L. A. *Catequese*: do Vaticano II aos nossos dias. São Paulo: Paulus, 2017.

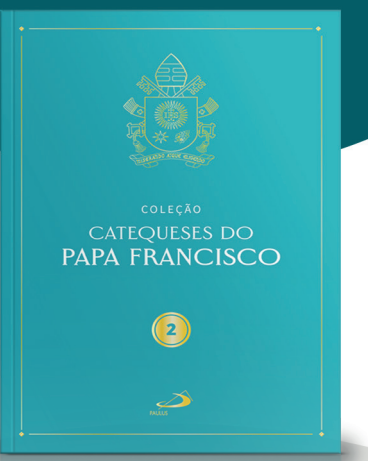
LIMA, L. A. Memória do catecumenato na história. *In*: CNBB. *Segunda Semana Brasileira de Catequese*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 229-244.

NERY, Irmão. *Catequese com adultos e catecumenato*: história e proposta. São Paulo: Paulus, 2001.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO E OS SACRAMENTOS. *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulus, 2001.

CATEQUESES DO PAPA FRANCISCO VOL. II

Papa Francisco



O vol. 2 da coleção reúne as séries de catequeses do Santo Padre, proferidas nas audiências gerais de quarta-feira, sobre as seguintes temáticas: A MISERICÓRDIA (de 13 de janeiro a 30 de novembro de 2016); A ESPERANÇA CRISTÃ (de 7 de dezembro de 2016 a 25 de outubro de 2017); A SANTA MISSA (de 8 de novembro de 2017 a 4 de abril de 2018); OS MANDAMENTOS (de 13 de junho a 28 de novembro de 2018).

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. Dr. Junior Vasconcelos do Amaral*

ACESSE TAMBÉM O PROGRAMA *PALAVRA VIVA* PELO CÓDIGO QR AO LADO.

Janeiro

Os cantos das celebrações, bem como as respectivas indicações de autoria e as partituras, podem ser acessados por meio dos códigos QR ao lado. Ouça os álbuns da Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.

Fevereiro

SOLENIDADE DE SANTA MARIA, MÃE DE DEUS

1º de janeiro

Deus nos dê a sua graça e sua bênção

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na celebração deste 1º de janeiro de 2026 desejamos a todos saúde e paz, pela intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus. Neste dia, o mundo celebra a fraternidade universal e o dia mundial da paz. Pedimos que o Filho de Maria, Jesus Cristo, o Príncipe da paz, nascido em Belém, possa fazer de nosso coração uma manjedoura, para fazer nascer nele o amor e a paz.

As leituras deste primeiro dia do ano nos levam a acolher Maria e considerá-la também nossa Mãe, por causa de nossa experiência de fé em seu filho, Jesus. Na primeira leitura, ouvimos o relato da bênção sacerdotal que faz brilhar sobre nossa face a luz de Deus, constituindo-nos homens e mulheres de paz (*shalom*). Deus propõe a seu povo uma bênção copiosa de graça e salvação.

O Evangelho nos convida a olhar, neste Natal, para a manjedoura e vermos lá o Amor encarnado, habitando entre nós e fazendo-nos participar da vida de Deus, assim como ele desejou habitar nossa história. É esse Amor que a segunda leitura nos chama a experimentar, a com ele nos relacionarmos, já não como escravos, mas livres, em Cristo Jesus, o Filho de Deus. A liberdade é a expressão da graça e da bênção de Deus, que criou o ser humano para a liberdade, para uma Páscoa definitiva chamada de céu.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Nm 6,22-27)

A primeira leitura está inserida no fim do capítulo 6 do livro dos Números, cuja temática central trata sobre o nazireato, o voto realizado por um homem ou mulher em sua consagração a Deus. Nm 6,22-27 corresponde ao ritual de bênção sacerdotal. *Grosso modo*, o livro dos Números pertence à tradição que conhecemos como Código Sacerdotal, *Priestercodex*. Esse ritual de bênção se associa ao múnus santificante do povo de Deus rumo à Terra Prometida, aludindo ao nosso múnus santificador da Igreja hoje, rumo à Páscoa definitiva em Cristo. Também nós somos convidados à mesma prece neste primeiro dia do ano. A fórmula da bênção remonta a Lv 9,22-23: o ato mesmo de Aarão, o sacerdote e irmão de Moisés, que levanta as mãos e abençoa o povo. Esse rito sacerdotal é também conhecido

*Junior Vasconcelos do Amaral é presbítero da arquidiocese de Belo Horizonte-MG e vigário episcopal da Região Episcopal Nossa Senhora da Esperança (Rense). Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), realizou parte de seus estudos de doutorado na modalidade "sanduíche", estudando Narratologia Bíblica na Université Catholique de Louvain (Louvain-la-Neuve, Bélgica). Atualmente, é professor de Antigo e Novo Testamentos na PUC-Minas, em Belo Horizonte, e desenvolve pesquisa sobre psicanálise e Bíblia. É psicanalista clínico. *E-mail:* jvsamaral@yahoo.com.br

como *cheirotonia* (“ch” tem som de “r”), usado pelo presbítero ou epíscopo que presidem a celebração eucarística na epiclese sobre os dons do pão e do vinho e, no fim, para a bênção de envio do povo à missão. Nm 6,22-27 reflete a resposta de Deus, Adonai, à manutenção da pureza e à generosa dedicação voluntária em prol da comunidade. O texto hebraico preserva a tradição oral do pré-exílio e mostra um estilo poético como nos Salmos (cf. Sl 67,1). O direito de invocar o nome santo do Senhor está reservado a Aarão e a seus filhos sacerdotes. Os conceitos do guardião de Israel (v. 24), do resplandecimento do rosto de Deus ou de sua presença mesma (v. 25) e sua benignidade, da face divina e da paz (v. 26, o *shalom*), estão aqui arquitetados e arrematados em uma bênção, que deverá ser dada aos israelitas, e o Senhor os abençoará (v. 27), de modo confirmativo e afirmativo. Essa bênção tem como elemento-chave a ideia, corrente em tempos de angústia, de que o Senhor teria “escondido sua face” e abandonado seu povo (cf. Dt 31,18; Sl 30,8; 44,25; 104,29). O *shalom*, nessa bênção, tem sentido mais amplo, refletindo a “inteireza” e o “bem-estar”.

2. II leitura (Gl 4, 4-7)

A carta aos Gálatas é polêmica no sentido de que Paulo escreve aos irmãos e irmãs da Galácia a fim de evitarem os erros dos judaizantes: não se apegarem veementemente à Lei, pois foi para a liberdade que Cristo nos libertou (Gl 5,1). A passagem deste dia está inserida na temática da filiação divina de nosso Senhor Jesus Cristo, “nascido de mulher, nascido sob a Lei” (v. 4), para resgatar os que estavam sob a Lei, com a finalidade de que recebessem a adoção filial (v. 5). É pelo Espírito de Cristo, que clama em nós, que dizemos *Abbá*, traduzido por “Pai” (v. 6). Nessa passagem, como em outras, Paulo resgata o caráter pneumatológico da carta: é o Espírito Santo que vem em nosso socorro e nos ajuda a viver como filhos de Deus; foi dessa mesma forma que o Filho Jesus viveu, em toda a sua condição humana, exceto no pecado – que, infelizmente, habita em nós pela liberdade que temos de escolher, pois às vezes escolhemos errado. Paulo assim conclui: “porque sois filhos [...], somos também herdeiros” da salvação de Deus (v. 7). Nesse sentido, a carta aos Gálatas se define como uma espécie de “rascunho” da carta aos Romanos, pois somos todos justificados, no Espírito que habita em nós, por Cristo, junto ao Pai, perfazendo assim o mistério trinitário em nossa fé batismal.

3. Evangelho (Lc 2,16-21)

O Evangelho da infância, no qual o texto de hoje está inserido, constitui um *midrash,* uma forma rabínica de interpretar e escarafunchar, na história do povo, o sentido do nascimento de Jesus. Belém – do hebraico, *Bet Helem* – é a “Casa do Pão” onde nasce o menino Jesus, numa manjedoura. Os pastores (cf. Lc 2,15) vão até lá para ver o Senhor. O verbo utilizado por Lucas é *ídomen*, derivado de *eidén*, e traduz o sentido de “identificar”, “conhecer”. Trata-se de verbo frequentemente utilizado nos Evangelhos para traduzir essa relação estrita entre as pessoas que se conhecem, se identificam umas com as outras e estabelecem amizade. É interessante notar que esse verbo é o mesmo utilizado por Jesus quando olha tanto para seus discípulos quanto para o povo que estava como ovelhas sem pastor (Mc 6,34).

Os pastores chegam às pressas, a exemplo de Maria, que também saiu apressadamente para visitar sua prima Isabel (Lc 1,39). Trata-se da expectativa feliz por se encontrarem com o Messias. Lá eles encontram Maria, José e o menino recém-nascido, deitado na manjedoura (v. 16). O verbo “ver” aparece novamente no v. 17: ao verem o menino, contaram o que já haviam ouvido sobre ele, desde os tempos antigos. Trata-se aqui de uma interpretação, um *DeRaSh,* retirando do passado as melhores recordações, aquilo que ficou na memória do povo. Os pastores deixavam todos maravilhados com

o que diziam (v. 18). Maria conservava todas as coisas, misteriosamente, em seu coração e nelas meditava (v. 19). O coração – em hebraico, *lev* –, para os judeus, é lugar das decisões mais importantes, lugar onde se assentam a Lei e o amor. Os pastores voltaram glorificando e louvando a Deus por tudo o que viram e ouviram, conforme lhes tinham dito (v. 20). O texto conclui com o cumprimento ritual da Lei no oitavo dia, a circuncisão do menino e a purificação da mãe. Foi dado ao menino o nome Jesus, que significa "Deus salva", conforme o anjo indicara anteriormente (v. 21).

Lucas assim entretece no relato do nascimento de Jesus a tradição sobre os pastores, a visitação do anjo e a alegria típica de seu Evangelho, como uma colcha de retalhos na qual se destaca a maternidade de Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Mostrar a relação entre as três leituras, destacando que a bênção do passado dada pelos sacerdotes agora se traduz no nascimento de Jesus tanto para a vida de Maria e José quanto para todos nós, que celebramos recentemente seu Natal. Destacar que Cristo nos libertou para vivermos não um conglomerado de leis e rituais, mas o verdadeiro amor a Deus e aos irmãos. Perceber que a maternidade de Maria foi anteriormente vivida na fé, pois ela acolheu a Palavra de Deus pelo ouvido e agora essa Palavra nasce entre nós, renovando nossa alegria, como outrora a alegria dos pastores.

EPIFANIA DO SENHOR

4 de janeiro

Jesus, o Filho de Deus

I. INTRODUÇÃO GERAL

A solenidade da Epifania do Senhor nos convida a contemplar Jesus, o Senhor que nos salva. Epifania, do latim, significa "manifestação". Na celebração deste domingo, Jesus se manifesta ao mundo como Salvador da humanidade. Aquele que assumiu a carne humana também a redimirá, no mistério de sua paixão e cruz. Na primeira leitura, ouvimos Isaías, que busca recuperar a esperança dos exilados para reconstruírem juntos Jerusalém: a luz chegou para seu povo que vivia na escuridão. O Evangelho nos convida a olhar para a manjedoura de Jesus em seu Natal e contemplar o amor de Deus por nossa humanidade. Na fragilidade de um menino, Deus revela sua força vital. Ele veio nos visitar, humanizou-se entre nós. Com os magos, somos convidados a oferecer a Cristo ouro, incenso e mirra, bem como ofertar aos que sofrem a esperança, o amor e a paz. Na segunda leitura, Paulo convida os irmãos e irmãs da comunidade de Éfeso a admitir a todos no corpo de Cristo, que é a Igreja. Paulo nos faz lembrar o papa Francisco, de saudosa memória: "Na Igreja há lugar para todos, todos e todos!" Todos somos chamados a crer na pessoa de Jesus Cristo e a ver nele a salvação para o descompasso da humanidade, perdida em si mesma, dilacerada por discórdias e guerras que desumanizam e desfiguram a imagem do ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 60,1-6)

Isaías, no seu terceiro livro, convida todos os ouvintes e leitores a contemplar a glória de Jerusalém. Essa passagem está ligada a um contexto de pós-exílio, no qual o profeta, como porta-voz de Deus, repete a mensagem consoladora do Senhor à comunidade que retornou da Babilônia, cuja fé e esperança devem ser sustentadas. A princípio, no v. 1, o profeta convida Jerusalém a pôr-se em pé, com o sentido de prontidão para servir, "porque tua luz é chegada, a glória do Senhor raia sobre ti". A terra, contudo, está coberta de trevas, alerta o profeta, e a escuridão envolve as nações. Sobre

Israel levanta-se o Senhor Adonai (v. 2). Sob a luz caminharão as nações, e os reis no clarão do sol nascente (v. 3).

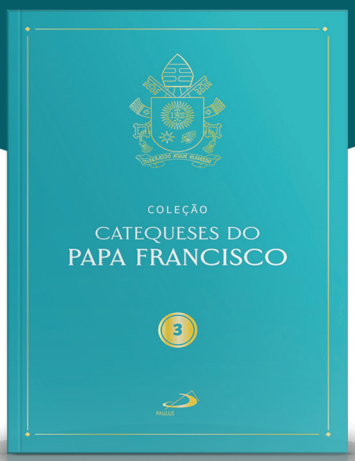
O profeta, no v. 4, pede que Jerusalém erga os olhos e veja que todos se reúnem e vêm até ela. A imagem é dos filhos que vêm de longe e as filhas carregadas em suas ancas (v. 4). Tal imagem mostra Jerusalém como mãe que cuida, que dá de si para a vida dos filhos, que os ensina a caminhar. É um tempo novo, como atesta o v. 5, pois as riquezas virão de além-mar, virão para ela os tesouros das nações. Uma horda de camelos inundará a cidade, os camelinhos de Madiã e Efa, todos os de Sabá, trazendo ouro e incenso, proclamando os louvores do Senhor (v. 6). Tais ofertas aludem à visita ao rei-messias, imagem que prefigura aqueles que visitam Jesus, como atestará Mt 2,11. Esse tempo messiânico que inspira o profeta faz lembrar a glória de Jerusalém, cidade santa e bem edificada, morada do grande Rei, o Senhor. A *shequinah* do Senhor lá está, e a ela as pessoas se dirigem para oferecer incenso e ouro, oblatas que indicam a divindade e a realeza do Senhor de Israel, Adonai.

2. II leitura (Ef 3,2-3a.5-6)

Paulo, dirigindo-se aos efésios, trata sobre o mistério de Deus revelado em Cristo, que ele, por dom de Deus e pura gratuidade, é capaz de acolher, assim como nós acolhemos tal mistério em sua epifania, manifestação-doação. Deus se revela na história humana por meio de uma pessoa, Jesus Cristo. Assim, temos hoje o encontro não com uma doutrina, com um dogma, com uma verdade, mas com uma pessoa, que pode nos levar à salvação. A fé cristã é uma proposta de alteridade que salva. Ao olharmos para a face do Senhor, que assumiu nossa condição humana, com exceção do pecado, somos configurados em novas criaturas salvas. O que Deus revelou outrora, ele agora revela a nós por seus profetas e santos apóstolos, em Jesus Cristo. Todos somos membros do corpo de Cristo, que é a Igreja,

CATEQUESES DO PAPA FRANCISCO VOL. III

Papa Francisco



O vol. 3 da coleção reúne as séries de catequeses do Santo Padre, proferidas nas audiências gerais de quarta-feira, sobre as seguintes temáticas: O PAI-NOSSO (de 5 de dezembro de 2018 a 22 de maio de 2019); OS ATOS DOS APÓSTOLOS (de 29 de maio de 2019 a 15 de janeiro de 2020); AS BEM-AVENTURANÇAS (de 29 de janeiro a 29 de abril de 2020); A CURA DO MUNDO (de 5 de agosto a 30 de setembro de 2020); A ORAÇÃO (de 6 de maio de 2020 a 16 de junho de 2021); A CARTA AOS GÁLATAS (de 23 de junho a 10 de novembro de 2021); SÃO JOSÉ (de 17 de novembro de 2021 a 16 de fevereiro de 2022).

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

e esta tem hoje uma missão especial de anunciar Jesus Cristo ao mundo, revelando-o a todos e todas, em vista da salvação. A eclesiologia de Paulo em Efésios está ligada intrinsecamente à cristologia. Há uma eclesiologia, pois existe uma missão soteriológica de Cristo, que desejou que sua Igreja fosse construtora de pontes a fim de que todos possam participar da vida divina e celestial.

3. Evangelho (Mt 2,1-12)

Belém, que em hebraico significa "casa do pão", é um lugar especial para a fé judaica e cristã. Lá nasceu o rei Davi e, tradicionalmente, se considera que é a cidade de nascimento de Jesus, onde hoje está situada a basílica da Natividade. Belém era a cidade da bisavó de Davi, Rute (Rt 1,1-4), e de sua família (1Sm 16; 17,12). Uma citação de Mq 5,1 foi mudada por Mt de "clãs de Judá" para "regentes de Judá", a fim de realçar o aspecto messiânico, acrescentando "apascentará Israel, o meu povo" de 2Sm 5,2. A narrativa de Mateus afirma que, no tempo do rei Herodes, tendo nascido Jesus em Belém, vieram magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: "Onde está o rei dos judeus recém-nascido?" (v. 2). Tal questão alerta Herodes e, com ele, toda a cidade de Jerusalém. Para Herodes, não poderia existir outro rei que colocasse seu trono em xeque, seu poder em disputa. Herodes, o Grande, era um *rex socius* de Roma (rei vassalo do império) que governou de 37 a 4 a.C., uma figura forte e igualmente citada em Lc 1,5 como "o rei da Judeia".

Os magos, por sua vez, seguiram a estrela, desde seu surgimento, no Oriente, e vieram para homenagear o Senhor. Os magos podem ser entendidos como uma casta de sábios astrólogos ou intérpretes dos sonhos, ligados também ao zoroastrismo, religião persa que definia o mundo como uma oposição entre bem e mal. Eles são apenas citados por Mateus, mas, na tradição cristã posterior, tornaram-se reis, à luz da interpretação do Sl 72,10: "Os reis de Társis e das ilhas trarão presentes; os reis de Sabá e de Seba oferecerão dons", e de textos como Is 49,7 e 60,10. Uma espécie de *midrash* faz essas figuras do passado darem sentido à presença dos magos que visitam o Filho de Deus com presentes. Por fim, foram nomeados como Gaspar, Baltasar e Melquior, representando os gentios.

Ao chegarem ao lugar, os magos viram o menino deitado na manjedoura e sua Mãe. Em seguida, ofereceram, tal como na primeira leitura, ofertas ao Rei-Messias: ouro, incenso e mirra. O ouro é símbolo da realeza de Jesus. O incenso simboliza sua divindade, e a mirra constitui sinal de sua humanidade, que será, no fim do Evangelho, ungida para o sepulcro em vista da ressurreição. O v. 12 conclui o relato desta celebração, dizendo que os magos tomaram outra direção e voltaram para sua terra sem terem voltado a Herodes, que certamente esperava informações precisas sobre onde o menino teria nascido. Voltar por outro caminho deflagra um novo caminho tomado pelos magos: não o caminho do poder, mas o do discipulado; não o caminho que lhes garantiria uma recompensa, mas o do abandono, do sair de si para ir ao encontro dos outros, que certamente vão ouvir deles algo sobre o menino Jesus, nascido em Belém. Eles caminham na direção contrária para nos indicar que o caminho do cristão é o mundo, o qual deve ser lugar do anúncio de Jesus, como nos apontou o papa Francisco no adágio "Igreja em estado permanente de missão" – portanto, "Igreja em saída" para as fronteiras e periferias existenciais.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Compreender que a unidade das três leituras objetiva que toda pessoa humana tenha acolhimento na comunidade dos fiéis e seja luz para os escombros do mundo, sobretudo para os que vivem em suas "trincheiras". Perceber que o Natal do Senhor renova nossa esperança de um mundo mais justo e solidário, pois Deus

mesmo veio visitar nossa história. Epifania é essa manifestação divina na história da humanidade. Propor que a comunidade litúrgica se sinta chamada, nesta liturgia, a unir-se sempre mais como corpo de Cristo, convidada à salvação em Cristo. Por fim, despertar em cada fiel o propósito de ofertar-se ao Senhor tal qual os magos outrora, que o presentearam com ouro, incenso e mirra, ofertando aos mais necessitados o pão físico e espiritual, da própria existência. Assim, podemos ser um "alimento" para a vida dos outros.

BATISMO DO SENHOR

11 de janeiro

Eis o meu servo, eis o meu eleito!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Jesus é batizado no Jordão, embora não necessitasse ser batizado, pois não era pecador. Contudo, o sentido que Jesus dá ao batismo nos faz lembrar de sua solidariedade para com os que procuravam o batismo no tempo de João Batista – os pecadores e pobres – e, até os dias de hoje, para com aqueles que são congregados e enxertados na vida da fé da Igreja. O batismo é nossa participação no mistério da paixão, morte e ressurreição do Senhor. Pelo batismo, morremos para o pecado e ressurgimos para a vida nova dos eleitos, a fim de servirmos o mundo com nossos dons e testemunho.

Na primeira leitura, o profeta Isaías, no cântico do Servo, dá testemunho acerca daquele que é o Servo de Deus para servir o povo, como eleito; não como um privilégio, mas como uma missão. O Servo de Adonai, que será no Novo Testamento (NT) Jesus Cristo, é constituído, de acordo com a segunda leitura, como Ressuscitado, Senhor de todos. Jesus, segundo o Antigo Testamento (AT), foi ungido para fazer o bem e salvar a todos, expulsando os demônios. Ele é o eleito de Deus que desejou ser batizado para solidarizar-se com seu povo, o qual procurava João no Jordão para redimir-se de seus pecados, de acordo com o Evangelho deste domingo. Jesus, em seu batismo, aproxima-se dos pecadores, pois sua missão é salvar a todos, curando os que estavam feridos no coração.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 42,1-4.6-7)

O profeta Isaías, no primeiro cântico do Servo (Is 42), fala a respeito do Servo de Deus, o eleito do Senhor, sobre quem o Espírito de Deus pairou – assim como em Jesus, no Evangelho desta festa (Mt 3,16). A eleição é a imagem tipológica para pensar, desde o AT, a pessoa de Jesus, que desce ao rio Jordão para ser batizado por João. A eleição, na Sagrada Escritura, não é sinal de honra, mas de serviço. O Servo do Senhor é uma figura isaiana corporativa, que cumpre uma missão, a vontade de Deus; ele é o *Eved Adonai.* Quatro são os cânticos dedicados ao Servo (Is 42,1-7; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12), o qual constitui um personagem revelador do conhecimento de Deus, de sua misericórdia e fidelidade. Ele é símbolo da aliança (*Berit*) entre Deus e o povo, a fim de restaurar a paz e trazer a felicidade aos oprimidos. O contexto do exílio babilônico deve ser levado em consideração na composição literária dessa figura teológica, que testemunha o Deus verdadeiro no meio das nações. O Servo é sinal de Deus, não apenas seu Servo, mas deve ser luz para as nações (cf. Is 49,1-6).

2. II leitura (At 10,34-38)

O texto de Atos é, por natureza, querigmático e anuncia do início ao fim a paixão, morte e ressurreição de Jesus, o mistério pascal, que pode ser considerado o evento fundador do NT. O querigma significa, para o início do cristianismo e seu desenvolvimento até os dias hodiernos, uma espécie de baliza e fundamento para a fé. Seguimos não dogmas, mas uma pessoa: Jesus Cristo, que viveu, morreu

e ressuscitou para nossa salvação. O dogma que surge da relação que os primeiros cristãos têm com Jesus Cristo serve para que, no depósito da fé, todos nos enriqueçamos com a profissão de fé dos primeiros apóstolos, os que acompanharam Jesus em sua itinerância até a ressurreição. O relato deste domingo está enxertado na catequese de Pedro na casa de Cornélio, centurião romano pagão (At 10,34-43). Os v. 37-43 constituem uma espécie de resumo do Evangelho de Marcos, que foi inspirado por Pedro. Marcos teria sido o hermeneuta de Pedro, interpretando o *sensus fidei* e inspirando também Lucas, que tem como fonte o Evangelho marcano.

O presente relato de Atos serve como modelo paradigmático para o anúncio cristão. A entonação é universalista, pois Pedro anuncia a missão de Jesus, o Messias e Filho de Deus, a partir de sua investidura, o batismo, que pode ser entendido como o empoderamento de Jesus para sua missão soteriológica de salvar a humanidade do pecado, que Adão instaurou por sua liberdade arruinada. Jesus é aquele que livremente assume o projeto salvífico pretendido por Deus, o Pai, e seu batismo constitui a porta de entrada para uma vida devotada a Deus. Por isso, nós, cristãos, ao sermos batizados, somos enxertados na nova vida que é de Cristo e temos como "sobrenome e identidade" o termo "cristão", que significa ungido, enviado para uma missão – a de continuar a missão de Jesus Cristo, colaborando para que outros e outras encontrem também a salvação querida por Deus.

3. Evangelho (Mt 3,13-17)

O batismo de Jesus é a porta de entrada para sua vida pública. Jesus desce ao Jordão para recordar que o povo de Deus também passou pelo Jordão, liderado por Josué (cf. Js 3), cujo nome tem a mesma raiz do nome Jesus, que lembra "Deus salva". Josué passa pelo Jordão para ressignificar a passagem pelo mar Vermelho, lugar onde Deus salvou seu povo da opressão egípcia. O batismo é o mergulho na morte para o pecado com Cristo e o ressurgir para uma vida nova, na ressurreição à qual ele nos destina. Pelo batismo, todo cristão é lavado da antiga culpa e ressurge para a vida nova em Cristo.

O batismo é narrado por Mc 1,9-11, Mt 3,13-17 e Lc 3,21-22 e é ministrado por João Batista, o precursor de Jesus e supostamente seu mestre, a quem Jesus se dirigiu para iniciar seu ministério, sinalizando o início de seu messianismo nas águas do Jordão. Trata-se de um ato público, com efeitos essenciais na vida de Jesus, que, a partir daquele momento, assume uma missão soteriológica (para a salvação de todos).

A narrativa proposta para este domingo, a versão mateana, é a mais rica em detalhes, que abarcam tanto o sentido literário como o teológico, trazendo a incompreensão de João Batista e a certeza manifestada por Jesus de estar cumprindo a justiça de Deus (*tsedakah,* no hebraico; *dikaiosyne,* no grego; *iusticia,* em latim). Tal termo pode ser entendido como retidão, cumprimento da vontade de Deus por parte de seu servo. Jesus é o Servo de Adonai e cumprirá todo o programa estipulado por Deus, seu Pai. Para o Evangelho de Mateus, Jesus é o novo Moisés, aquele que vem cumprir a justiça estipulada por Deus.

A cena do batismo se passa em um cenário que é, para além de geográfico, teológico: o Jordão, o local para o qual se encaminham os pecadores a fim de ouvirem a voz do profeta que fala aos corações, convidando-os à *metanoia*, ao arrependimento, que leva a ultrapassar os pensamentos e ações que levam ao pecado. Jesus não carecia de conversão por ser o Filho de Deus, mas se faz solidário e próximo dos pecadores. Ele é, na perspectiva tardia, o Cordeiro de Deus que vem tirar o pecado do mundo (Jo 1,29), por isso o quarto Evangelho acena para um homem que se aproxima dos pecadores do mundo. Jesus é ainda próximo dos marginalizados e pobres, sobretudo dos que são excluídos pela religião oficial da época.

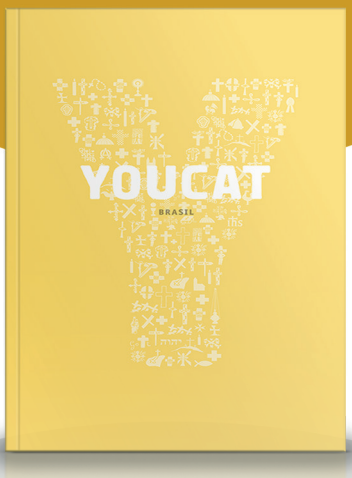
A cena do batismo no Jordão apresenta figuras importantes: João, o Batista; Jesus, o Filho de Deus; o Espírito em forma corpórea de pomba (*Yonah,* em hebraico; *peristerán,* no grego); a voz do céu (*foné ek ton ouranón*), para simbolizar o Pai. O Espírito, simbolizado na pomba, faz-nos recordar o Espírito que, em Gn 1,2, pousava sobre as águas na criação, o que recorda o batismo como fonte de nova criação para os cristãos. Do batismo Jesus será enviado para o deserto para ser tentado (Mt 4,1), iniciando sua vida ministerial. Em Gn 8,6-11, Noé, na nova criação, no recomeço, envia uma pomba para trazer o ramo de oliveira, símbolo da aliança que Deus estabelece com seu povo. Em Mt 10,16, no discurso apostólico, Jesus envia seus discípulos em missão para serem simples como as pombas. Elas são símbolo da simplicidade e, com seu arrulhar, parecem estar em oração suplicante. Por fim, são também símbolo da realidade que permanece, pois fazem seu ninho num local fixo e voltam todo ano para lá viverem a experiência da fecundidade. A voz que veio do céu é a do Pai, que elege seu Filho agraciado. Jesus é aquele que cumpre a vontade do Pai. Em toda sua vida, ver-se-á descortinar a vontade de Deus, a qual se realizará plenamente no amor derramado na cruz.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Levar a comunidade a perceber a relação entre as leituras, desde o profeta Isaías, que fala da missão a partir de uma eleição, ao Evangelho, que evidencia ser Jesus o eleito do Pai para cumprir uma missão soteriológica, culminando com sua morte e ressurreição – o conteúdo anunciado pela segunda leitura. Esta celebração pode ser uma grande mistagogia batismal, levando a comunidade cristã a revisitar o sentido teológico e pastoral do sacramento do batismo, que nos incorpora a todos na missão de Cristo, no povo de Deus, no corpo místico de Cristo, a Igreja, tornando-nos templos do Espírito Santo. Desse modo, percebe-se que

YOUCAT

Fundação Youcat



A obra tem a mesma proposta do "Catecismo da Igreja Católica", sendo a linguagem e o projeto gráfico seu maior diferencial. Estruturado em perguntas e respostas, o livro é dividido em quatro partes e foi desenvolvido por um número considerável de padres, teólogos e professores de religião para apresentar a mensagem e a doutrina da Igreja em linguagem jovem e acessível.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

toda vivência espiritual do cristão é trinitária, desde o nascimento para a fé até sua total acolhida no coração da Santíssima Trindade. Relembrar que o batismo nos constitui a todos sacerdotes, profetas e pastores para cuidar deste mundo, testemunhando o amor de Deus pela humanidade.

2º DOMINGO DO TEMPO COMUM
18 de janeiro

Eu te farei luz das nações!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Após o Batismo de Jesus, celebrado no domingo passado, em que renovamos nossa missão batismal, a Igreja nos convida a voltar ao Tempo Comum, espécie de *kairós* catequético no qual a Palavra de Deus vai ecoar no meio de nós e em nosso coração. Somos animados a deixar brilhar em nós a luz de Deus para que, com nosso auxílio, outros também creiam. Todo cristão batizado, desde a Igreja antiga, é considerado um "iluminado", que deve fazer brilhar no mundo a luz de Cristo. Neste 2º Domingo do Tempo Comum, a liturgia nos fala dessa luz, que, para o profeta Isaías, é Israel durante o exílio. Israel deve reluzir, por meio de sua fé em Deus, essa relação substancial com Ele, que alimenta a esperança de novos céus e nova terra – nesse caso, o retorno para Judá. A segunda leitura, de Paulo falando aos coríntios, é uma exortação inicial da carta que convida à unidade em Cristo. Mesmo em meio à divisão encontrada em Corinto, Paulo decide-se por anunciar a unidade perfeita em Cristo, pelo vínculo indefectível do amor. No Evangelho, João anuncia Jesus como Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Para o quarto Evangelho, o Logos, existindo antes dos tempos, assume a carne humana em Jesus, fazendo-se resgatador da salvação, como Cordeiro que redime, com seu próprio sangue, os pecados da humanidade, pois sua morte é vicária, "no lugar de".

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 49,3.5-6)

A presente passagem de Isaías traz o segundo cântico do Servo de Adonai e inspira seus ouvintes e leitores a pensar que, para além de servo, Israel é chamado a ser luz para as nações (v. 6). Não basta ser servo, há que se fazer luz a fim de restaurar as tribos de Jacó e reconduzir para Jerusalém os exilados livres do cativeiro. O povo de Deus, vivendo escravizado durante cinquenta anos na Babilônia, agora deve voltar para Judá. O personagem corporativo que é o Servo de Deus, de Adonai, deve ser um sinal de esperança que ilumina os caminhos para os que estão extraviados e desencaminhados, submersos na desesperança. Ele deve lançar luzes às estradas dos exilados para que seus pés não tropecem e eles não venham a sofrer ainda mais do que sofreram na Babilônia. A luz é um elemento vital. Jesus também utiliza a imagem desse elemento para falar ao coração de seus discípulos, exortando-os: "Vós sois a luz do mundo" (Mt 5,14). Sendo luz para Jacó, Israel, o Servo do Senhor vai congregar seu povo e levá-lo para a terra do serviço a Deus e à fraternidade, Judá (cuja capital é Jerusalém).

2. II leitura (1Cor 1,1-3)

Esses são os primeiros versículos, ou seja, o prólogo, da primeira epístola de Paulo aos irmãos e irmãs de Corinto. Os cristãos da Igreja de Deus que está em Corinto são chamados a viver na santidade, pois foram santificados por Jesus Cristo, aquele que é Santo. Paulo escreve juntamente com o irmão Sóstenes aos coríntios, que vivem em uma cidade importante da Ásia Menor, uma cidade portuária. Sabia-se que em Corinto existia uma confluência de culturas e credos, religiões de mistério, bem como filosofias oriundas de várias partes. Corinto era a capital da província romana da Acaia, que abrangia a parte antiga da Grécia, ao sul da Macedônia, atraindo diversas pessoas do império.

O adágio "viver à coríntia" dizia muito sobre aquela cidade, significando viver lascivamente, de forma imoral. Paulo, assim, encontrou dificuldades em Corinto, imoralidades, dissensões, oposições e resistências, sobretudo por causa dos falsos ensinamentos que ali pululavam. O v. 2 mostra que Paulo está se dirigindo a todos os que, de qualquer lugar, invocam o nome de Jesus Cristo. O apóstolo pretende fundamentalmente promover em Corinto a união, pois os atos imorais, os falsos profetas e anticristos e os ensinamentos contrários à fé cristã dissuadiam muitos de viver a unidade da fé em Jesus Cristo. É desejo de Paulo que a fé em Cristo leve todos a viver o dom da unidade, no vínculo perfeito do amor.

3. Evangelho (Jo 1,29-34)

A passagem do Evangelho tem como elemento fundamental a tradição sobre João Batista presente no quarto Evangelho, da comunidade do Discípulo Amado. A tradição sobre o Batista é frequente nos sinóticos (Mc, Mt e Lc) e no quarto Evangelho. Disso se pode deduzir que João Batista tenha influenciado decisivamente a vida e a missão de Jesus, configurando-se como seu mestre, como aquele a quem Jesus se dirige no início de sua vida ministerial como missionário itinerante e carismático.

No judaísmo, os discípulos procuravam os mestres (rabinos) com os quais desejavam aprender os ensinamentos da Torá e aquilo que era dito acerca da Lei, o que se pode chamar de *midrash* (interpretação). Jesus, dessa maneira, vai até João, que, ao batizá-lo nas águas do Jordão, marcará o início de seu ministério. João Batista tem em Jo 1,19-37 importante missão: apresentar o Messias, o "enviado" de Deus, Jesus Cristo. Para as fontes que alimentaram os sinóticos e o quarto Evangelho, o batismo é decisivo para a vida de Jesus, pois, logo após ser batizado, ele é levado pelo Espírito para o deserto a fim de ser tentado por satanás. Jesus permanece fiel a Deus e renuncia a todas as investidas do diabo.

Em Jo 1,19-28, encontra-se o testemunho acerca de João Batista. Os judeus e levitas, no v. 19, perguntam a João quem é ele. João diz não ser o Cristo (v. 20). Em seguida, diz de si mesmo: "Eu sou a voz que clama no deserto..." (v. 23). Na cena seguinte (o Evangelho deste domingo: v. 29-33), Jesus vai até João. O Batista afirma: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" Para João, Jesus é o homem, o varão, a serviço do qual foi enviado, pois ele, Jesus, lhe era preexistente. O evangelista está aqui recordando o tema da preexistência do Logos (1,1-2).

No quarto Evangelho, ao ir até João Batista, Jesus é apresentado por ele como o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. A cena em questão começa com uma sinalização temporal importante, "no dia seguinte" (v. 29). O Evangelho joanino marca uma espécie de semana inaugural para narrar a missão de Jesus. A participação de João Batista é marcante como testemunha no primeiro dia e decisiva no segundo dia, quando apresentará Jesus como o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (v. 29.36). No comentário da Bíblia de Jerusalém (edição de 2002) sobre esse versículo, encontra-se preciosa chave de leitura: "O 'pecado' (no singular) por excelência é recusar reconhecer Cristo como enviado de Deus (15,22.24; 16,9; 8,21), que veio nos revelar a 'verdade' (8,32)".

João Batista testemunha, além da preexistência do Logos, uma temática preponderante no quarto Evangelho – Jesus foi batizado pela ação do Espírito Santo –, pois viu e testemunhou que o Espírito desceu sobre ele como uma pomba do céu. João diz não conhecer anteriormente aquele que veio até ele, mas Deus, que o enviou para cumprir tal missão, lho deu a conhecer, por revelação. As palavras de Deus ao Batista acerca de Jesus são claras: "Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer, este é quem batiza com o Espírito Santo" (v. 33). João conclui em tom querigmático: "Eu vi e dou testemunho: este é o Filho de Deus".

Seu testemunho é imprescindível para o início do Evangelho joanino, assim como é o batismo de Jesus ministrado por ele nos sinóticos. No quarto Evangelho, além de batizar Jesus, João dá testemunho (em grego, *memartyrēka*, verbo no perfeito indicativo ativo, dando sentido de continuidade) sobre ele. Para o Batista, Jesus é o Filho de Deus; em sentido semítico, o próprio Deus no meio deles.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Esta liturgia está interligada com a do domingo passado, festa do Batismo de Jesus. A comunidade cristã pode, na liturgia deste domingo, meditar acerca de sua missão batismal, do que cada membro batizado na comunidade faz para a evangelização. Todos os fiéis batizados estão cooperando com o anúncio do Evangelho, na catequese, na liturgia, nas pastorais sociais? Meditar a importância da vida comunitária, como nos ensina a segunda leitura. Perceber a importância de que cada fiel ilumine o mundo com seu testemunho, com sua conduta e com o anúncio da Boa-nova de Jesus.

3º DOMINGO DO TEMPO COMUM
25 de janeiro

"Segui-me, e eu farei de vós pescadores de homens"

I. INTRODUÇÃO GERAL

Deus convida seu povo a ser luz nas trevas deste mundo. Somos todos vocacionados à vida, ao seguimento de Jesus e ao serviço. Nossa missão inicia-se com o batismo, nutre-se na Eucaristia e desemboca em serviço na vida da comunidade cristã. A missão de todo cristão é ser como Cristo, luz do mundo. Jesus, no Evangelho deste domingo, convida seus discípulos à conversão (*metanoia*) e ao seguimento, a fim de que possam pescar homens, resgatando das incertezas do mundo (simbolizado pelo mar) aqueles que são destinados à salvação, à nova criação.

Na primeira leitura, o profeta Isaías, retomado também no Evangelho, evoca Zebulon e Neftali, cidades humilhadas pelo Senhor, que, em seu modo de agir, cobre de glória o caminho do mar. O mar é a incerteza do mundo, e eis que surge uma luz para iluminar o mundo em suas trevas.

Na segunda leitura, Paulo convida a Igreja de Corinto a viver a unidade na diversidade e pluralidade, evitando as dissensões, brigas e contendas. Os cristãos de Corinto são chamados a ser todos de Cristo, fazendo que as divisões sejam superadas.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 8,23b-9,3)

Isaías inicia evocando a humilhação que Deus fez a Zabulon e Neftali, bem como a glória com a qual cobriu o caminho do mar, do além-Jordão e da Galileia das nações. O profeta fala das contradições que Deus é capaz de realizar (v. 23b). Por isso, o povo que anda na escuridão é capaz de ver uma grande luz. A luz resplandece aos que andam nas trevas, na sombra da morte (Is 9,1). Deus transforma as realidades à sua volta. O que era antes exultado é agora humilhado, e o que estava na tristeza é capaz de vislumbrar a alegria. Deus faz crescer a alegria e aumentar a felicidade. Na presença do Senhor, todos se alegram, como os que colhem em dia de fartura, como os soldados quando terminam a guerra e dividem os despojos dos que foram derrotados. Somente Deus é capaz de transformar as realidades do seu povo, que antes se via oprimido, carregando sobre os ombros seus fardos. Deus abate o orgulho dos fiscais e o jugo que oprimia o povo, como na jornada de Madiã, daqueles que, além de cultuarem a Adonai, também cultuavam outros deuses.

2. II leitura (1Cor 1,10-13.17)

Em tom exortativo, Paulo convida a Igreja de Corinto à concordância, que é a via contrária

dos que viviam na discórdia, cultivando facções e separações. Ele convida os membros da Igreja, em nome de Jesus Cristo, a viver em concórdia uns com os outros e não admitir divisões entre eles. É preciso que existam a harmonia e a unidade, tanto no pensar quanto no falar. Havia, é certo, na comunidade coríntia divisões históricas e rivalidades entre as pessoas. Alguns da família de Cloé informaram o apóstolo de que a divisão gerava contendas entre os membros da Igreja (v. 11). Uns afirmavam ser de Paulo, outros de Apolo e outros ainda de Cefas, ou de Cristo. Paulo os questiona: "Será que Cristo está dividido?" Não foi Paulo crucificado por amor a eles nem foi em nome de Paulo que foram batizados. O apóstolo afirma que Cristo não o enviou para batizar, mas para pregar a Boa-nova da salvação, sem se valer dos recursos da oratória. A cruz de Cristo, segundo Paulo, tem sua própria força.

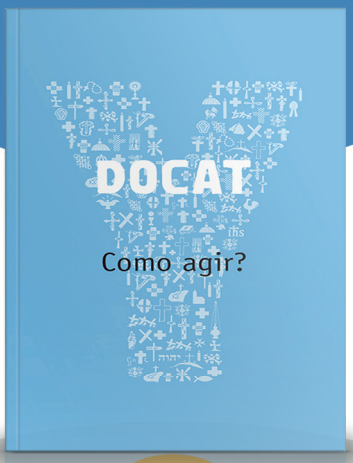
As divisões internas na comunidade de Corinto estavam associadas, como afirmam alguns estudiosos de Paulo, às ênfases doutrinárias características dos líderes mencionados por ele: havia os que tendiam a um cristianismo mais judaico e rígido, ligado à figura de Pedro, beirando certo legalismo; os que seguiam as tendências teológicas de Paulo, mais abertos, enfatizando a missão, a fé sem a necessidade de obras; e outros que tendiam para a figura de Apolo, ligado à hermenêutica alegórica eloquente, pois era alexandrino. Não há, em 1Cor 1-4, a menção à existência de partidos teológicos ou escolas no sentido clássico da palavra, mas adeptos desses líderes.

3. Evangelho (Mt 4,12-23)

Após a morte de João Batista, Jesus deixa Nazaré e vai morar em Cafarnaum. Ele passa a habitar o entorno do mar da Galileia, que será o cenário principal para sua ação missionária, taumatúrgica, de ensino e outras ações, como exorcismos. O mar da Galileia é onde Jesus inicia o chamado para o discipulado, que consistirá em um convite para que as pessoas o sigam e

DOCAT: COMO AGIR?

Fundação Youcat



CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do saudoso papa Francisco, que manifestou o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

aprendam com ele novo modo de ser fiel a Deus. O v. 15 retoma o texto de Isaías acerca de Zabulon e Neftali, o caminho do mar, a Galileia dos pagãos. Mateus, assim como Marcos e Lucas, assinala que a Galileia é o território escolhido por Jesus para iniciar seu ministério. Mateus ressalta a Galileia dos pagãos, demonstrando, à sua maneira, a universalidade da missão e da mensagem de seu mestre, embora o Evangelho seja dirigido a judeus que estão aderindo a Jesus e à sua mensagem.

Mateus recupera a teologia de Isaías, ressaltando a missão do Servo de Adonai, que vem para transformar o mundo envolto em trevas. A imagem utilizada é a da luz, que reaparecerá no primeiro discurso do Evangelho, "da montanha" (Mt 5-7), em Mt 5,14. O elemento que simboliza o discípulo de Jesus é a luz. Os cristãos sempre compreenderam que, ao passar pelo batismo, se tornavam iluminados e deveriam sinalizar essa luz no mundo. A luz é um elemento vital. Sem o sol, não haveria a vida sobre a terra. Desse modo, a luz é um símbolo vital, que perfaz a existência. Quando nascemos, diz-se que viemos à luz ou que nossa mãe "nos deu à luz". Portanto, Jesus deseja que seus discípulos e nós, hoje, possamos iluminar o mundo com a sabedoria do Evangelho.

A partir do v. 17, o relato assume um tom exortativo e Jesus convida à conversão. Esse versículo marca a passagem do sentido histórico-teológico para o sentido existencial prático, fundado no seguimento de Jesus. O verbo no presente imperativo ativo, *metanoeite,* designa uma reconsideração que deve ser feita pelo discípulo, convocado para deixar para trás seu modo de ser, pensar e agir a fim de seguir Jesus, que propõe não reinos pessoais, mas o Reino de Deus, que está nos céus. O discípulo, agora convidado por Jesus, deverá deixar seu autodomínio para ser dominado por Deus. Deus é o Senhor da vida do discípulo que segue Jesus. Portanto, a proximidade do Reino dos Céus passa a ser um elemento vital da pregação de Jesus, motivo pelo qual os discípulos devem viver o arrependimento, a mudança de pensamento, a fim de acolher o Reino dos Céus, que é o domínio de Deus sobre a humanidade.

A cena seguinte, iniciada no v. 18, é marcadamente vocacional. Nos primeiros atos do messianismo de Jesus, ele convida homens para segui-lo. O verbo "ver" ("viu"), utilizado tanto por Mt quanto por Mc, consiste em uma espécie de identificação com os discípulos. Não se trata de um convite como um passe de mágica, mas sim de um processo de escolha e confiança desenvolvido na relação que Jesus estabelecerá com os dois irmãos, Simão e André, bem como com os demais a serem por ele convidados. Jesus confia a Simão e André, que estavam lançando a rede ao mar, pois eram pescadores, uma nova missão: pescar homens (v. 19). A condição de possibilidade para tal missão é "segui-lo", em grego *opisō mou.* Seguir Jesus é a condição fundamental para se tornar pescador de homens, retirando pessoas das incertezas do mar para levá-las à vida nova que nasce do batismo.

Os discípulos imediatamente deixaram as redes e seguiram Jesus (v. 20). O mesmo ato de convidar se dá no v. 21, quando Jesus vê outros dois irmãos, Tiago e João, filhos de Zebedeu, que estavam na barca com o pai, consertando as redes. Jesus os chamou. O mesmo gesto dos outros dois irmãos aqui se repete: eles imediatamente deixaram a barca e o pai e o seguiram. O texto se conclui (v. 23) dizendo que Jesus andava por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas dos judeus e pregando o Evangelho do Reino, curando todo tipo de enfermidade. Mateus, como os dois outros sinóticos, ressalta a taumaturgia de Jesus como elemento fundamental da cristologia do NT. Para Mateus, Jesus é o Messias que veio curar e salvar a todos, e sua missão se estenderá e se efetivará com o auxílio de seus discípulos, a Igreja por ele constituída (cf. Mt 16,18).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

É possível perceber a integração desta liturgia com a dos domingos anteriores, desde o

batismo de Jesus, ministrado por João Batista, e o testemunho do precursor sobre quem Jesus é: o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (domingo passado). Após seu batismo, Jesus inicia sua missão pública, convidando discípulos para o seguimento. Estimular a comunidade a perceber que todos somos chamados à missão de ir ao encontro dos/as irmãos/ãs a fim de retirá-los de seus sofrimentos com a mensagem do Evangelho: a proximidade do Reino de Deus, sua hegemonia sobre a vida humana, pois Deus quer que todos sejam salvos. Ajudar a comunidade a viver a comunhão e a unidade em meio à diversidade. O que não podemos permitir é que nossas diferenças se tornem divergências e não aceitemos o outro como nosso irmão.

4º DOMINGO DO TEMPO COMUM
1º de fevereiro

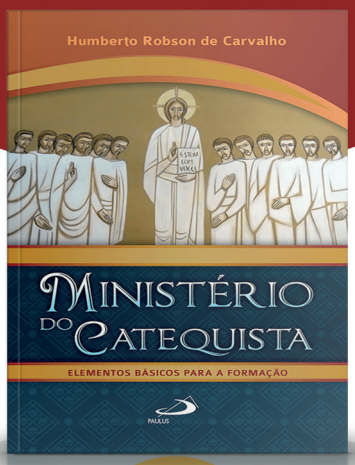
Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos convida a pôr em prática nosso batismo, como profetas, pastores e povo sacerdotal, aos moldes de Jesus de Nazaré. A primeira leitura nos convida à profecia de uma vida de santidade e fidelidade a Deus. A fidelidade vai na contramão da idolatria, pecado de relativizar a Deus e absolutizar o que é relativo, o que é criatural. A idolatria leva a desvios de caráter e desvios éticos, que se traduzem em malefícios tanto para quem os pratica como para quem deles é vítima. Jerusalém, segundo Sofonias, pagará pelo pecado da idolatria no dia da cólera de Deus, no dia de seu Juízo. Na segunda leitura, somos convidados ao pastoreio, conforme Paulo, vivenciando a humildade e o serviço desinteressado de vantagens, senão da salvação, que não é um mérito, mas sim graça de Deus. No Evangelho, somos convidados a

MINISTÉRIO DO CATEQUISTA

Humberto Robson de Carvalho



CONFIRA VERSÃO E-BOOK

A obra busca ensinar a doutrina, mas, acima de tudo, levar a uma experiência vital do Mistério de Cristo; colaborar com a formação de catequistas, compreendendo que a catequese é um processo de educação da fé que perpassa as diversas etapas da vida dos cristãos.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

vivenciar o paradigma da vida de Jesus, resumido nas bem-aventuranças proclamadas por ele na montanha. Esse itinerário nos convida à pobreza, à mansidão, à busca da justiça, ao apaziguamento do mundo e, se preciso for, ao enfrentamento da perseguição por causa de Jesus e do seu Evangelho.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sf 2,3; 3,12-13)

Sofonias alude ao povo humilde que busca a Deus e põe em prática seus preceitos na vivência da justiça, procurando a humildade, essência mesma da nossa condição de criaturas. Todo esse projeto é teológico, pois Deus deseja que seu povo se relacione apenas com ele, evitando a abominação e a desgraça advindas da idolatria, o maior mal da humanidade, quando o ser humano coloca no lugar de Deus os ídolos, como fazia o povo de Israel ao cultuar os deuses cananeus. A justiça, em hebraico *tsedaquah,* é um atributo divino. Deus mesmo é justo e seu modo de ser é justo, pois deseja somente o bem às suas criaturas: os seres humanos e toda a criação, os animais e a natureza, que nos acolhe a todos.

Sobre a cólera de Deus, ela corresponde ao dia de Adonai, o dia de sua ira, um dia de desolação, do Juízo escatológico, tema sugestivo para entender as reformas promovidas por Josias (aproximadamente 622 a.C.), pois o livro de Sofonias tem como contexto esse período, o das últimas décadas do Reino do Sul, Judá. Contudo, nem tudo pretendido pelo rei reformador foi levado em consideração, sobretudo a conversão ao único Deus, justo e santo.

A idolatria foi o mal causador do exílio da Babilônia, pois reis e súditos cultuaram deuses estranhos e deixaram Adonai de lado. Na perspectiva de Sofonias, as instituições da cidade de Jerusalém que adoraram os deuses cananeus serão destruídas. Todos os líderes que perpetraram injustiças, todos os centros econômicos onde empréstimos desonestos ocorreram, tudo isso desaparecerá. Sofonias está usando essas imagens apocalípticas para mostrar o significado celestial do que vai acontecer. Deus permitirá que um grande exército venha e tome Jerusalém, será um dia abominável.

Por isso, Sf 3,12 justifica o fim de Judá: "deixarei entre vós um punhado de homens humildes e pobres. E no nome do Senhor porá sua esperança o resto de Israel". Esses que ficarão depois do exílio e da pilhagem de destruição, que será promovida por Nabucodonosor num futuro próximo, serão um resto, poucas pessoas, como que um punhado. Eles, porém, mantêm-se firmes no Senhor; sua esperança está em Deus, e não nos ídolos. Eles não cometerão iniquidades nem falarão mentiras (v. 13). Em sua língua não se encontrarão palavras enganadoras. Serão apascentados por Deus como um rebanho e repousarão, ninguém mexerá com eles. São os queridos e amados de Deus e nenhum mal os atingirá.

2. II leitura (1Cor 1,26-31)

A teologia paulina tem como elemento fulcral o conceito de "eleição". Todo cristão, como herdeiro da promessa abraâmica, é um eleito, chamado por Deus à salvação (v. 26), que não passa nem pela sabedoria humana nem pela riqueza que a nobreza possa conceder, mas provém de Deus por Jesus Cristo, justiça de Deus (cf. Rm 3,21-26). A salvação (*soteria*) é um dom de Deus para o ser humano. Paulo vê-se como um pastor que aconselha os seus a viver a santidade da salvação e não esperar recompensas, senão a vida eterna.

Em sua perspectiva, que difere da perspectiva humana, Deus escolhe o que o mundo relega como estúpido para confundir os sábios, que se valem de sua inteligência e perspicácia. Escolhe o fraco para confundir os que são fortes, que se valem de suas forças corporais (v. 27). Essas artimanhas de Deus vão na contramão das humanas. Ele escolheu o que para o mundo é sem importância e desprezado, o que não tem serventia, para assim mostrar a

inutilidade do que é considerado importante, não se valendo da meritocracia, mas da graça, que, em sentido contrário, valora não o que tem valor, mas o insignificante (v. 28). Toda essa perspectiva paulina é para revelar mais a graça que as astúcias e articulações humanas. Ninguém, admoesta Paulo, deve gloriar-se de si mesmo. Deus é quem dita suas preferências e seus valores (v. 30), pois tudo isso o faz em vista de Jesus Cristo, que se tornou para todos, da parte de Deus, sabedoria, justiça, santificação e libertação. Por fim, em tom exortativo (parenético), Paulo diz: "quem se gloria, glorie-se no Senhor". Para ele, toda glória vem de Deus, e o cristão não tem uma glória (poder de ressurreição, de vida nova) de per si. A graça da glória presente, vivida na carne, e futura, da vida da ressurreição, é sempre dom de Deus.

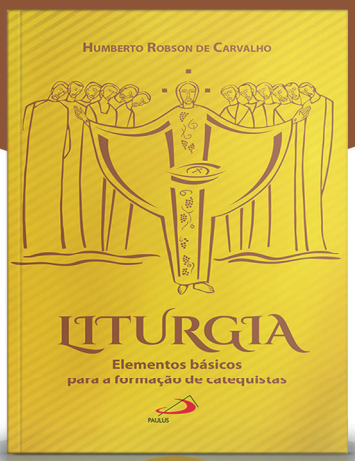
3. Evangelho (Mt 5,1-12a)

O Evangelho das bem-aventuranças está intimamente relacionado à liturgia deste dia, pois somos convocados por Jesus para a fidelidade a Deus, considerando-o nossa única riqueza. Por essa razão, justifica-se ser pobre em espírito, porque a glória de Deus é absoluta em relação à nossa existência vulnerável, relativa e finita, que não se sustenta nem por nossa sabedoria nem por nossa força corporal, mas por pura graça de Deus, da parte de seu Filho, Jesus Cristo, que veio para nos salvar.

Os doze versículos dessa página mateana constituem o frontispício de um grande discurso que abarca três capítulos (5-7), correspondendo ao "Discurso da montanha". Mateus é um Evangelho composto de dois gêneros fundamentais: narrativa e discurso, que se entrelaçam dentro do gênero maior conhecido como Evangelho. Encontramos no conjunto do Evangelho de Mateus cinco discursos, lembrando uma nova Torá, proposta e apresentada pelo novo Moisés, Jesus, numa montanha, que lembra o Sinai-Horeb, ao novo Israel, a Igreja. Os capítulos discursivos de Mateus são: 5-7; 10; 13; 18; 24-25. O sermão inaugural pode

LITURGIA: ELEMENTOS BÁSICOS PARA A FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS

Padre Humberto Robson de Carvalho



CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Os catequistas, enquanto educadores da fé, são convidados a se capacitar e a vivenciar profundamente a Sagrada Liturgia da Igreja para poder formar e desenvolver o gosto, a compreensão e a percepção da riqueza da ação litúrgica.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

ser considerado o grande legado de Jesus para seus discípulos, a Igreja, comunidade de todos os que o seguem.

As bem-aventuranças, do substantivo plural grego *makárioi,* estão também presentes em Lc 6,20-23 de forma resumida. Em Mateus, o discurso comporta, além da expressão "bem-aventurados", que se repete nove vezes, alguns outros ditos sapienciais sobre o sal e a luz, o ensino sobre a Lei, a ira e a vingança, sobre o amor aos inimigos, as esmolas, a oração do pai-nosso, o jejum, o tesouro no céu, o dinheiro, as preocupações com a vida, o julgamento, o pedido, a porta estreita, a árvore e os frutos, e o tema dos verdadeiros discípulos.

Mateus 5,1 traz o termo "pobres no espírito" abrindo as bem-aventuranças. Empobrecer-se de si é condição fundamental para o enriquecer-se de Deus. O Reino dos Céus é constituído dos que se deixam esvaziar de si mesmos para acolher a riqueza salvífica de Deus. Os que choram serão consolados (v. 4); os mansos herdarão a terra (v. 5); os que têm fome e sede de justiça serão saciados (v. 6); os misericordiosos encontrarão misericórdia (v. 7); os puros verão a Deus (v. 8); os pacificadores serão chamados filhos de Deus (v. 9); os perseguidos encontrarão recompensa nos céus (v. 10-11).

No conjunto das bem-aventuranças encontra-se desenhado o itinerário da vida de Jesus, sua pregação e testemunho, por palavras e obras. Tudo o que ele fez e fará durante sua vida terrena está delineado nas bem-aventuranças registradas por Mateus. O bem-aventurado/bendito por excelência é Jesus, porque se deixou moldar e plasmar pela vontade de Deus, fazendo-se servo de todos (Mt 20,28). Portanto, as bem-aventuranças estabelecem, ainda, o *modus vivendi* dos discípulos de Jesus e da Igreja, seguidora do Mestre. Da pobreza à perseguição, passando pela mansidão e pela pacificação, nós, cristãos, somos chamados hoje a seguir o paradigma de Jesus, que se fez servo obediente por amor a Deus a fim de salvar a muitos (Mt 26,26-28).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Ajudar a comunidade eclesial a perceber a relação entre as leituras, desde a do profeta Sofonias, que convida à fidelidade a Deus mediante a abolição da idolatria, o que se traduz em vida plena para os filhos e filhas de Deus. Incentivar as pessoas a perceber, como diz a segunda leitura, a eleição de Deus, que as convida à santidade, a se gloriarem no Senhor, e não nas próprias forças ou sabedoria. Na vida comunitária, o que mais importa é servir, mesmo que não sejamos reconhecidos ou recompensados por isso. Convidar os fiéis a cultivar as bem-aventuranças, na vivência da humildade perante Deus, da necessária mansidão, da busca pela justiça e misericórdia para a construção da paz, mesmo que em meio às perseguições, sintomas do processo de aversão à mensagem de Jesus, por nós proclamada e testemunhada.

5º DOMINGO DO TEMPO COMUM

8 de fevereiro

Que a vossa luz brilhe no mundo!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Movidos pelo desejo de sermos fiéis testemunhas de Jesus no mundo, vivenciando nosso batismo, encontramos na liturgia inspiração para viver a caridade fraterna: somos todos irmãos e irmãs neste mundo. Há quem esteja com fome e podemos dar-lhe de comer; ao nu, vestir; ao peregrino, acolher. Esta é a mensagem essencial da primeira leitura: testemunhar que somos libertos do pecado para servir nossos semelhantes. A segunda leitura evidencia que, na comunidade discipular, a Igreja, o que nos torna importantes e responsáveis não são nossas astúcias humanas, nossa inteligência e capacidade intelectual, mas a graça de Deus, que nos alcança a todos/as. A Igreja deve evangelizar não com o poder de seus braços ou a força de suas estruturas, mas com a graça de Cristo crucificado-ressuscitado,

presente no meio de nós. Ser sal da terra, dando sabor às relações e às realidades que nos circundam, e iluminar a vida dos/as irmãos/ãs, sendo luz no mundo, testemunhando a verdade revelada por Deus, em Cristo, é a missão que o Evangelho nos impõe. O convite de Jesus é para que nossa luz brilhe no mundo em favor das pessoas e elas louvem a Deus por nós, que nos propomos servir e amar.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

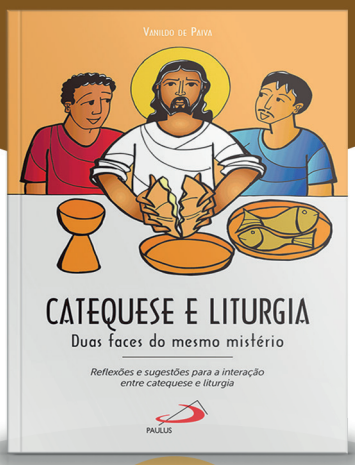
1. I leitura (Is 58,7-10)

O profeta Isaías, no trito-Isaías – a última parte do livro –, convida o povo que voltou do exílio na Babilônia à caridade. É tempo de reconstruir a vida, pois o tecido social está esgarçado por inúmeras injustiças e egoísmos. Agora é novo tempo de voltar para Deus e sua Palavra normativa. Repartir o pão com o faminto é o primeiro ato de caridade, pois um corpo enfraquecido não consegue trabalhar e procurar justiça (v. 7). Cobrir o nu é outro gesto de caridade, para que não seja desprezada sua carne. Com tais gestos de amor, brilhará a luz do povo como uma manhã, a saúde se recuperará mais depressa (v. 8) e à frente caminhará a justiça – a *tsedaqah,* importante atributo de Deus, que é justo e deseja que todos cumpram sua justiça, se ajustem à medida do amor. Com isso, a glória do Senhor estará sobre seu povo, que cumpre seu mandamento. Trata-se da *shequinah*, em hebraico, é a *kavod* de Deus que desce sobre seu povo cumpridor de seu mandamento, de sua Lei.

Todo ato de justiça celebrado pelo povo, servo de Deus, que estava no exílio, agora servirá para que as pessoas possam confiar em Deus, pois ele as atenderá. Se pedirem socorro, Deus dirá: "Eis me aqui". É preciso que Israel expurgue seus instrumentos de opressão e deixe hábitos autoritários, assim como a língua maldosa (v. 9). É preciso, ainda, acolher o indigente e prestar socorro ao necessitado. Tudo isso fará nascer nas trevas a luz do povo.

CATEQUESE E LITURGIA

Vanildo de Paiva



CONFIRA VERSÃO E-BOOK

O livro pretende mostrar como a interação entre Catequese e Liturgia se dá, na teoria e na vivência diária. Para isso, percorremos um itinerário bastante lógico e interessante: dos costumes judaicos, origem e herança do cristianismo, até as práticas atuais, sobretudo no campo catequético.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

A vida obscura, por ocasião do pecado, será como o meio-dia, luminoso (v. 10).

Para o profeta Isaías, bem como para muitos textos bíblicos, viver a caridade no âmbito da vida comunitária é uma forma extraordinária de alcançar a graça de Deus, que leva mais em consideração o que de bom o ser humano faz do que suas injustiças. Estas podem ser reparadas pelo amor, que é possível expressar mais por gestos concretos do que por palavras.

2. II leitura (1Cor 2,1-5)

Escrevendo à Igreja de Corinto, Paulo enfatiza que está anunciando a Jesus Cristo crucificado. Não se vale da própria retórica ou de linguagem humana, nem recorre aos prestígios da sabedoria humana, mas está anunciando o Senhor (v. 1-2). Paulo, assim, reconhece sua fraqueza, receio e temor. Não se apresenta aos coríntios com palavras grandiosas, com discursos eloquentes e sublimes, com filosofias elaboradas e coerentes, mas apresenta-se com toda a simplicidade para anunciar o paradoxo da cruz, a ação de um Deus impotente, que morreu numa cruz rejeitado por todos, sofrendo uma morte ignominiosa. Apesar de tudo, em Corinto nasceu uma comunidade cristã cheia de força e de fé. Paulo entende, pela experiência que faz do Espírito, que sua pregação não o traz como protagonista, para que ele próprio não se vanglorie (cf. 1Cor 1,31). Quem se gloria deve fazê-lo no Senhor. Deus é a razão de qualquer glória, e não o próprio apóstolo. Essa autoconsciência é formidável em Paulo, grande apóstolo entre os gentios, que infundiu em diversas comunidades a alegria do Evangelho e a certeza do querigma de Jesus Cristo morto e ressuscitado.

Paulo tem consciência de que seus discursos, mesmo que retóricos, não se valem da persuasão da sabedoria, mas da demonstração pneumatológica de Deus. Em seu Espírito, Deus sustenta e anima a pregação do apóstolo (v. 4). O que Paulo deseja, portanto, é que a fé vivida pelos irmãos e irmãs de Corinto se baseie no poder de Deus, e não na sabedoria dos homens (v. 5). Paulo é, para toda a Igreja de Corinto e para nós hoje, um exemplo de fé irrestrita em Deus, de quem confia no Senhor com senso de responsabilidade e participação, mas, ao mesmo tempo, com o sentimento de que aquilo que mais vale é a Providência divina, a qual não foi estéril em sua vida, mas abundante, eficaz e frutuosa.

3. Evangelho (Mt 5,13-16)

Ainda dentro do Sermão da montanha, o discurso inaugural no Evangelho de Mateus, encontramos Jesus ensinando seus discípulos e ouvintes. O Sermão da montanha apresenta as categorias fundamentais, à luz das bem-aventuranças (domingo passado), para que o/a discípulo/a possa pautar sua vida. Acerca das bem-aventuranças e do Sermão da montanha, o papa Francisco afirmou que são como um GPS que ajuda o cristão a seguir o caminho de sua vida, mostrando a direção fundamental do Reino de Deus, sua hegemonia sobre nós, homens e mulheres.

Na passagem deste domingo, Jesus utiliza-se de dois elementos naturais fundamentais, sal e luz, para falar metaforicamente como os discípulos devem ser e viver. O sal é um elemento natural importante, pois conserva os alimentos, dá sabor e equilibra, na medida certa, a pressão arterial. Ele é encontrado no mar. Este, por mais perigoso que seja, traz em si o sal que conserva nele a vida, como um ecossistema importante para o planeta. O sal é vital, mas na medida certa. Sem o sal, o alimento é insosso. Jesus diz: "Vós sois o sal da terra". O sal deve estar na terra, e já não no mar. No mar, é algo comum; fora do mar, é exceção. Isto é, o sal é símbolo da preservação do sabor espiritual em meio ao mar da vida, no qual o cristão deve manter sua santidade, preservando a vida no confronto com o pecado, preservando seu sabor e saber que provêm de Deus. O mar é, nas Escrituras, sempre símbolo da incerteza.

O sal na terra cumpre uma função específica de preservar e fertilizar. Em alguns rituais, usava-se o sal com o sentido de purificação. No Império Romano, os soldados recebiam, como parte de seu pagamento, um punhado de sal, donde o termo "salário". Dessa maneira, cada cristão deve trazer em si o sal do sabor de Deus para preservar-se no mundo.

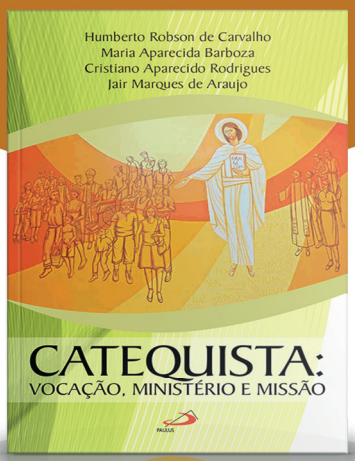
A luz é essencial à vida. Oriunda do Sol, é expressão da energia vital. Diz-se que, quando alguém nasce, vem à luz. Ela é essencial para que haja alimento para a vida humana. O primeiro ser criado por Deus, após o céu e a terra, foi a luz (cf. Gn 1,3). Na escuridão do mar do mundo, a luz é um farol que ilumina o caminho certo para os tripulantes desta travessia que é a vida. Ela é símbolo da verdade de Deus e de seu caráter. Segundo o apóstolo Paulo, em Fl 2,15, os cristãos são chamados a "resplandecer como astros no mundo". Essa exortação pode ser entendida à luz de Mt 5,15: "Ninguém acende uma lâmpada e a coloca debaixo de uma vasilha, mas num candeeiro, onde brilha para todos os que estão na casa". A casa é o mundo onde estamos, e nele nos cabe fazer brilhar a luz do Senhor, que nos iluminou no batismo para uma vida nova. Jesus chama seus discípulos a deixar sua luz brilhar diante dos homens, pois, se estamos unidos a ele, que é a luz do mundo (cf. Jo 8,22), então nos cumpre refletir no mundo seu amor por nós. As obras dos cristãos devem refletir a luz que os ilumina, que é Cristo, e esse testemunho será motivo de louvor a Deus, fonte e origem de toda luz.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A comunidade pode refletir sobre sua missão neste mundo: ser sal e luz. Perceber que esta liturgia deriva, como a dos últimos domingos, do sacramento da iniciação à vida cristã, o batismo. Pelo batismo, todos somos chamados a iluminar o mundo com nosso testemunho. Aquele que preside a comunidade pode exortá-la a ser testemunha da caridade e do amor verdadeiro,

CATEQUISTA: VOCAÇÃO, MINISTÉRIO E MISSÃO

Humberto Robson de Carvalho / Maria Aparecida Barboza / Cristiano Aparecido Rodrigues / Jair Marques de Araujo



CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Este livro quer ser um instrumento eficaz para que a comunidade ame e valorize ainda mais o ministério do catequista, e para que os próprios catequistas, filhos prediletos da Igreja, reflitam sobre a grandeza de sua vocação, ministério e missão, e façam seu coração arder de amor por Cristo, pela Igreja e por todos a quem se dedicam com laboriosa generosidade.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

ajudando a alimentar os que passam fome. A comunidade pode iniciar ou ampliar uma campanha de solidariedade com os empobrecidos e com aqueles que estão em situação de vulnerabilidade social. Convidar os membros da paróquia ou da comunidade a um gesto de solidariedade em favor dos que estão no esquecimento social: uma visita a um asilo ou orfanato, bem como a pessoas em situação de rua.

6º DOMINGO DO TEMPO COMUM
15 de fevereiro

Que o vosso "sim" seja "sim" e vosso "não" seja "não"

I. INTRODUÇÃO GERAL

Movidos pela Palavra de Deus, somos convidados a amar profundamente nossos semelhantes, aqueles que chamamos de irmãos, com os quais construímos fraternidade. A primeira leitura nos convida a discernir sobre o bem e o mal, a fim de que colhamos as melhores consequências para nossa existência, não obstante saibamos que, mesmo que sejamos bons, podemos sofrer e de fato sofremos. A segunda leitura nos convida a viver com ousadia a sabedoria que vem de Deus, o qual orienta o ser humano no conjunto de suas leis. O Evangelho nos orienta para a nova ética de Jesus, que vai além daquela exigida no conjunto das 613 leis judaicas. Amar, para Jesus, não é seguir à risca os mandamentos, mas ampliá-los, compreendendo que amar exige de nós mais do que aquilo que simplesmente somos obrigados a vivenciar. Amar é querer o bem do outro.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Eclo 15,16-21)

O relato do livro do Eclesiástico se inspira nitidamente em Dt 30. Viver a sabedoria e com sabedoria é saber discernir entre o bem e o mal, no intuito de não sofrer as consequências das más escolhas. Os caminhos são opções que cada ser humano se dispõe a percorrer na liberdade. Na essência, Sirácida, como é conhecido o autor do livro do Eclesiástico, argumenta que cada indivíduo tem a liberdade radical para escolher a "vida", obedecendo à lei, ou a "morte", recusando-se a obedecer. A decisão cabe a cada um, particularmente, e também à comunidade, que pode ajudar o indivíduo a discernir o melhor caminho, orientando a consciência humana no seu processo de escolha do bem ou do mal.

O v. 16 começa com o condicional "se quiseres observar", levando-nos a compreender que depende do ser humano crente viver os mandamentos, e estes o guardarão. A confiança em Deus é fonte de vida, é graça, para que o fiel seja guardado. Evidentemente, o autor sagrado não tem a intenção de alienar ninguém em um fideísmo, mas apresentar a Lei de Deus como performática: Deus fala e cumpre, guardando o fiel em sua Palavra. A metáfora da água e do fogo aparece no v. 17 como caminhos de escolha: estender a mão para ser molhado ou queimado depende exclusivamente daquele que é convidado por Deus. O sentido da metáfora da água e do fogo se entende no versículo seguinte (v. 18), pois diante do ser humano estão a vida e a morte, o bem e o mal, e ele terá como recompensa aquilo que preferir. A sabedoria é o elemento vital, *Hockmah* em hebraico; é o que brota da consciência humana advindo de Deus, que ilumina o ser humano para que se torne sábio. A sabedoria, para o mundo semita, não é acúmulo de conhecimento, mas o bom senso de ofertar ao mundo o que de melhor temos. A sabedoria do Senhor é imensa (v. 19). Deus é autor e Senhor da sabedoria; a sentença "ele tudo vê continuamente" exprime a onisciência divina. O v. 20 ressalta a atenção de Deus para com os que o temem. Deus é capaz de conhecer as obras do coração humano, pois o criou como lugar para germinar e florescer sua Lei. Por fim, o v. 21

ressalta que Deus não mandou ninguém agir como ímpio, não dando licença a ninguém para pecar. Na perspectiva de Sirácida, a vida humana é um caminho de decisões que o ser humano continuamente deve tomar. Todas as decisões, seja para o bem, seja para o mal, trarão consequências.

2. II leitura (1Cor 2,6-10)

Paulo exorta os irmãos de Corinto, como fez o autor da primeira leitura com o povo de Israel, a tomar consciência de sua missão. Tais palavras são pura ironia, inteligíveis somente à luz de 1Cor 3,1 ("quanto a mim, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas somente como a homens carnais, como a crianças em Cristo"). Ele diz que "entre os perfeitos (em grego, *Teléiois* – o que equivaleria a 'maduros', 'vividos', ou ainda 'os experientes') nós falamos de sabedoria" (*Sofían*). Entre os fiéis, não há almas escolhidas para distintamente terem conhecimento reservado de Deus ou de suas coisas. A sabedoria vem do alto, de Deus, para todo aquele que se abre à sua vontade, à sua revelação. Na perspectiva paulina, não se trata da sabedoria humana, mas da derivada de Deus, do alto, do céu. A esta altura, Paulo está criticando os coríntios, pois se deixaram seduzir por sabedorias filosóficas e ignoraram a verdadeira sapiência, a derivada de Deus.

A sabedoria do mundo, dos poderosos – "líderes" (*archónton*) – desta terra, é aquela que desaparece (*katargouménon*; na tradução proposta pela liturgia de hoje: "destruição"). Equivale a dizer que a sabedoria deste mundo é passageira, fugaz, vaidosa e, por isso, destrutiva. No v. 7, Paulo diz: "Falamos, sim, da misteriosa sabedoria de Deus (*Sofián em mystério*), que está oculta e, desde a eternidade, Deus destinou para nossa glória" (*dóxan émon*). Essa sabedoria é, para Paulo, Jesus Cristo, o Logos de Deus na história da humanidade que revela, desde sua encarnação, os mistérios divinos da salvação para todo o gênero humano.

BÍBLIA PASTORAL
LETRA GRANDE

Disponível em letra grande e em diversos outros formatos e capas, a Nova Bíblia Pastoral apresenta linguagem simples, tradução a partir dos idiomas originais e notas explicativas a todos os textos. Ideal para encontros de catequese, a edição traz os avanços no campo da animação bíblica e a atualização dos estudos bíblicos das últimas décadas.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Por falta da sabedoria de Deus, o mundo crucificou o Senhor da glória (*Kyrion tés dóxes*), Jesus Cristo (v. 8). A sabedoria proveniente de Deus capacita o ser humano para o discernimento da razão, da sua intelecção, por isso lhe concede a inteligência da fé em Jesus Cristo. Foi por causa da ausência da sabedoria divina que levaram Jesus à morte. Tal realidade é indecifrável, fugindo à razão humana e passando a ser chamada de mistério. Tudo o que ocorre com Jesus, Deus o preparou para os que o amam. Os olhos não viram nem os corações pressentiram (v. 9). Aos eleitos da grande comunidade cristã, Deus revelou seu mistério por meio do Espírito, que auxilia o fiel no discernimento de todas as coisas. Na pneumatologia final desse relato, o Espírito é entendido como *ente* que leva à compreensão das realidades de Deus.

3. Evangelho (Mt 5,17-37)

Continuidade do primeiro discurso mateano – o Sermão da montanha, como ouvimos nos últimos dois domingos –, a extensa narrativa deste dia (havendo também a opção pelo texto sintetizado, breve, para proclamação) oferece-nos uma reflexão acerca do novo código de leis, baseado na sabedoria divina, que Jesus vem propor aos que o seguem e que estão com ele na montanha, lugar do encontro com Deus, como, no passado, estiveram Moisés e o povo de Israel.

Jesus, no início do relato (v. 17-18), diz que não veio para abolir (*katalysai*) a Lei e os Profetas, mas levá-los a cumprimento (*plērōsai,* em grego), à plenitude. Ele afirma que, antes que o céu ou a terra deixem de existir, nem a menor letra (*iota,* em grego; *iod*, em hebraico) ou uma vírgula serão tiradas da Lei, sem que tudo se cumpra. Jesus não vem para destruir a Lei ou as Escrituras, mas vem levá-las à inteira conformidade e compreensão. Para ele, quem desobedecer a um mandamento da Lei e ensinar outros a fazer o mesmo será considerado o menor no Reino dos Céus. Quem, porém, praticar a Lei e ensiná-la será o maior no Reino dos Céus (v. 19). Jesus não é contra a Lei, mas sim contra todo rigorismo na interpretação da Lei, e isso ele vai ensinar adiante. A partir do v. 20, ele evidencia sua nova compreensão da Lei, ampliando seu modo de interpretá-la; para isso, faz uso da conjunção grega *gar,* "porque", em sentido explicativo, dizendo algo além do que está no escrito da Lei: "Se a vossa justiça não for maior que a justiça dos mestres da Lei e dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus".

Nos v. 21-22, Jesus ensina sobre o modo como tratar o/a irmão/á. Ele diz: "Vós ouvistes o que foi dito aos antigos: 'Não matarás! Quem matar será condenado pelo tribunal'". Derivado de Ex 20,13 e reeditado em Dt 5,17, o imperativo "não matarás" constitui o quinto mandamento da Lei de Deus, acerca da sacralidade da vida em sua inviolabilidade. Agora, para Jesus (v. 22), não é apenas a inviolabilidade da vida que está em jogo, mas também toda ação que a macule, sobretudo encolerizar-se com o outro e dizer-lhe algo ofensivo; por exemplo, dizer ao irmão "patife" (em grego, *Rhaka*) implicará condenação ao tribunal, e dizer "tolo" *(Móre)* trará condenação ao fogo do inferno (em grego, *Geennan*). Geena é um termo helenizado para entender o vale de Hinom (lugar de horror e desprezo) em Jerusalém, onde se mantinha constantemente um fogo aceso para a queima de todo o lixo da cidade. Por conseguinte, todo aquele que xinga seu irmão e dele desdenha está se arruinando em suas próprias palavras, que constituem o pior lixo queimando em seu coração, aquilo que de pior a pessoa tem a oferecer; ou seja, aquilo que ela está projetando no outro e que, na verdade, está nela mesma (psicanaliticamente dizendo).

Nos v. 23-26 encontramos os ensinamentos de Jesus sobre a reconciliação, que começa com a própria atitude daquele que está levando sua oferta ao altar: se lembrar que o outro tem algo contra ele, deve voltar e reconciliar-se (em grego, *diallagēthi*) com seu irmão. O verbo "reconciliar" está no imperativo, como uma ordem. Somente depois da reconciliação se deve levar a oferta ao altar.

Não há, desse modo, boa oferta com um coração adoecido de raiva ou rancor contra o outro. O processo deve ser desenvolvido no caminho para o tribunal, com base no diálogo (v. 25); se isso não acontecer, pode ser que o destino seja a prisão. A conclusão é o v. 26: da prisão somente se sairá quando for pago o último centavo.

Os v. 27-32 tratam do adultério e de questões sobre a convivência. Para Jesus, o adultério não se resume apenas a um ato de traição carnal contra outra pessoa, mas envolve o olhar concupiscente, de desejo. O olhar humano deve ser direcionado para o bem do outro, e não para a sedução e a malícia (v. 28). Arrancar o olho não é retirá-lo em sentido físico, mas significa arrancar o que leva ao pecado, o olhar de cobiça (v. 29). O mesmo acontece com a mão (v. 30). Sobre o divórcio – as últimas consequências da não relação –, Jesus diz nos v. 31-32: "Foi dito também: 'Quem se divorcia de sua mulher, dê-lhe uma certidão de divórcio'. Eu, porém, vos digo: todo aquele que se divorcia de uma mulher, a não ser por motivo de união irregular, faz com que ela se torne adúltera, e quem se casa com a mulher divorciada comete adultério". Jesus implica o homem na gravidade da situação de se casar com uma mulher divorciada, quando não se entendia que existissem homens adúlteros no costume dos antigos. Jesus iguala os homens às mulheres nesse sentido.

Por fim, na série de ensinamentos, encontramos os v. 33-37 sobre o juramento, uma atitude comum. Jesus diz: "Vós ouvistes também o que foi dito aos antigos: 'Não jurarás falso', mas 'cumprirás os teus juramentos feitos ao Senhor'". Jesus diz em seguida: "Eu, porém, vos digo: não jureis de modo algum". Para ele, nosso "sim" deve ser "sim" e nosso "não", "não".

Em resumo, Jesus nos ensina que, mesmo que a Lei exista e deva ser cumprida, há uma lei cristã, derivada daquela que ele nos ensina, que deve ser levada em consideração por nós que o seguimos como seus discípulos.

YOUCAT: CATEQUESE DIALÓGICA

Fundação Youcat

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Catequese dialógica: um conceito inovador para uma prática renovada é um manual para todos os que querem implementar uma catequese diferenciada, tocando os jovens profundamente.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Oferecer à comunidade uma reflexão mais ampliada sobre a Lei e os Profetas contidos nas Escrituras, fazendo-a perceber que a nova ética construída por Jesus está baseada no amor profundo, compromissado com o outro, na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária. Ajudar as pessoas a compreender que suas ações no cotidiano da vida têm consequências, que plantar o bem é ter a certeza de que colheremos bondade, não obstante as vicissitudes encontradas no caminho da existência, marcada pela finitude e, muitas vezes, por incompreensões. Estimular a comunidade a vivenciar com sabedoria divina este tempo que nos prepara para a Quaresma que está chegando.

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

18 de fevereiro

Misericórdia, ó Senhor, pois pecamos!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Iniciamos neste dia nossos exercícios quaresmais, tempo de reflexão e silêncio, penitência e conversão, fraternidade e comunhão. A Quaresma, à luz da Palavra de Deus, inspira-nos a vivenciar, na Igreja no Brasil, a Campanha da Fraternidade (CF), com o tema "Fraternidade e moradia" e com o lema bíblico inspirado por Jo 1,14: "Ele veio morar entre nós". O tema desta CF nos faz pensar que todo ser humano deseja moradia digna e tem direito a ela; que temos de buscar políticas públicas que garantam esse direito a todo povo. Na primeira leitura, o profeta Joel nos convida ao arrependimento. Não bastam gestos proféticos de rasgar as vestes, mas é preciso haver gestos existenciais, rasgando o coração e livrando-o de idiossincrasias e egoísmos. Na segunda leitura, Paulo nos convida a ser embaixadores da ação salvífica de Cristo, unindo as pessoas a Deus. Na perspectiva do apóstolo das gentes, o dia da salvação é o hoje de Deus, garantindo-nos a vivência de nossa vocação à santidade. No Evangelho, Jesus nos ensina as práticas de piedade: a verdadeira esmola, a oração sincera e o agradável jejum. As práticas penitenciais da Quaresma nos purificam para o *kairós* da Páscoa, a fim de nos associarmos um dia à Páscoa eterna.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jl 2,12-18)

A situação de injustiça social denunciada pelo profeta Joel é alarmante, por isso é necessário arrependimento e conversão: "Voltai para mim com todo vosso coração, com jejuns, lágrimas e gemidos" (v. 12). Jejuar, chorar e gemer são atos de quem está arrependido pelo mal cometido. O v. 13a diz: "Rasgai o coração, e não as vestes; e voltai para o Senhor, vosso Deus", o que consiste em gesto profético de ira, de não contentamento com as próprias atitudes. Em seguida, o v. 13b apresenta os atributos de Deus: "benigno, compassivo, paciente, cheio de misericórdia e inclinado a perdoar o castigo".

Em momento algum Joel desaprova o culto, mas o vê acompanhado de uma convocação para a interioridade. O resultado esperado do arrependimento é que talvez Adonai, o Senhor, agirá de acordo com os atributos listados em 13b. O povo é chamado a se arrepender duas vezes (v. 12-13). Assim, Adonai voltará a ter misericórdia. Tocar a trombeta em Sião (v. 15-17) é chamamento não apenas para ocasiões militares, mas também para o culto (Lv 25,9; Sl 81,4; 150,3), por ocasião da *Pessach* e do *Sukkot.* Há um detalhe acerca dos convidados ao jejum: fala-se em anciãos e infantes, noivo e noiva, mas faltam o rei e os

governantes, o que pode nos levar a supor que essa profecia seja pós-exílica. Também os ministros sagrados choram em lamentos: "Onde seu Deus está?", fazendo recordar Sl 42,4.11, Mq 7,10 e Ml 2,17. O v. 18 conclui esperançosamente, dizendo: "o Senhor encheu-se de zelo por sua terra e perdoou ao seu povo".

O profeta Joel é um mensageiro de esperança para um tempo de desesperança; de conversão para um tempo de pecado; de justiça para um tempo no qual as injustiças estavam pululando. Enfim, um profeta de vida para um tempo de morte, um antítipo do que Jesus representa para nós, cristãos.

2. II leitura (2Cor 5,20-6,2)

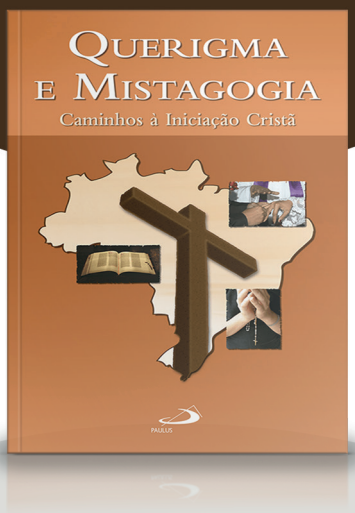
Paulo entende a vocação do cristão no mundo, não fora dele. Exercer a função de "embaixadores" significa prolongar a missão salvífica de Cristo no mundo onde habitamos. "Deus mesmo vos exorta" (v. 20a) significa o respeito de Deus pela liberdade de suas criaturas. "Reconciliai-vos" (v. 20b) é um imperativo. Paulo exorta a comunidade de Corinto à reconciliação com Deus. A comunidade é chamada a superar as barreiras, intrigas e divisões e tornar-se ponte entre os irmãos e Deus.

O v. 21 expande o sentido do papel de Cristo na reconciliação: "Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado". Cristo é reconhecido em Hb 4,15 sem pecado (cf. 1Pd 2,22; Jo 8,46; 1Jo 3,5), mas, por opção de Deus (Rm 8,3), ele passou a estar naquela relação com Deus que normalmente é resultado do pecado. Cristo se tornou parte da humanidade pecadora (cf. Gl 3,23), a fim de que, por ele, nos tornássemos justiça de Deus.

Em 2Cor 6,1 somos chamados a colaborar com Paulo, Timóteo e Apolo na missão que estes receberam de Cristo, por comunhão. Paulo estimula os líderes da comunidade de Corinto a colaborar com a obra salvífica de Cristo.

QUERIGMA E MISTAGOGIA

Centro Catequético Diocesano - Diocese de Osasco



Esta obra, elaborada pela Pastoral Catequética da Diocese de Osasco, propõe um olhar particular sobre o tema da iniciação cristã de adultos. Percorrendo o tema a partir da história da Igreja, os autores fazem um resgate do anúncio cristão nos moldes da Igreja primitiva como modelo para o novo anúncio.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

O dia da salvação se aproxima, o tempo da graça de Deus, o *kairós.* Dessa forma, Paulo envolve-nos a todos na missão salvífica de Cristo; por isso, tal missão é extensiva ao nosso tempo, quando assumimos o trabalho pastoral na vida da comunidade e promovemos comunhão, participação e missão, na vivência da sinodalidade – o modo próprio de ser da Igreja –, percorrendo todos unidos o mesmo caminho.

3. Evangelho (Mt 6,1-6.16-18)

Mateus convida sua comunidade à prática da atenção (em grego, *proséxete*) com que este tempo merece ser vivido: "Ficai atentos para não praticar vossa justiça na frente dos homens só para serdes vistos por eles" (v. 1). *Grosso modo*, a ética cristã, o *modus vivendi* ao qual Jesus exorta seus seguidores neste primeiro discurso de Mateus, deve ser superior à forma de viver dos seguidores da Lei. Jesus chama os discípulos e seus ouvintes a segui-lo, ele que é a nova Lei. Por isso, Jesus está, como um novo Moisés, sentado sobre a montanha e ensinando (cf. Mt 5,1). Sentado é o modo como o mestre (*didáskalo*) ensina.

O Evangelho deste dia está inserido no Discurso da montanha (Mt 5-7). Do ponto de vista bíblico, poderíamos considerá-lo como sabedoria escatológica, ética e legal ou como lei, enquanto instrução (Torá), com vistas ao Reino vindouro, que não se impõe de maneira coercitiva, mas escatológica e misteriosamente.

Mateus oferece a seus ouvintes/leitores uma reforma nas obras de piedade: esmola (v. 1-4), oração (v. 5-15) e jejum (v. 16-18). Jesus, portanto, é o novo Moisés que reformula os sistemas legais antigos com uma nova concepção, como se fosse vinho novo colocado em odres novos (Mt 9,17). Para os novos seguidores, uma nova forma de viver.

A esmola é uma forma de se relacionar com o outro que nada tem. Contudo, não pode ser realizada da mesma maneira com que outros agiam: "Quando deres esmola, não toques a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem elogiados pelos homens". Jesus afirma: "Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. Ao contrário, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita" (v. 2-3). Jesus os convida a uma nova forma, gratuita e não retributiva, de viver a *tsedaqah* (termo aramaico para "justiça", que quer dizer "esmola"). Viver a nova justiça (*dikaiosyne*) proposta por Jesus é viver com retidão e de forma justa, não hipócrita.

Hypókrites era um termo do teatro para designar o ator. Ele também é usado em Mt 23 para designar os falsos intérpretes das Escrituras, os mestres religiosos que falham em sua missão. Ser hipócrita significa fazer tudo para aparecer, para tirar proveito da esmola dada. O cristão, pelo contrário, deve fazer tudo em silêncio e de forma modesta.

A oração é uma forma de se relacionar com Deus, pelo diálogo sincero e fiel (v. 5-6). Deve ser espontânea comunhão pessoal com Deus, para nosso benefício. Deus sabe de que necessitamos. A oração alimenta nossa fé e nos insere na missão. Em Mateus, Jesus ensina, na sequência, a oração espontânea do pai-nosso (v. 7-15).

O jejum é a forma de nos relacionarmos com nós mesmos, controlando nossos desejos e paixões (v. 16-18). Novamente, Mateus utiliza o termo "hipócritas", referindo-se aos "atores" que se desfiguram histericamente, quando estão jejuando, só para mostrar que são piedosos. Essa falsa piedade não agrada a Deus nem faz bem àquele que a pratica. Pelo contrário, quando jejuar, o discípulo de Jesus deve lavar o rosto e perfumar a cabeça, retratando a alegria. Todas essas práticas de piedade, agora na perspectiva teológica de Jesus, terão sentido novo e serão recompensadas por Deus, o Pai.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Perceber a relação teológica entre as três leituras, que convidam à penitência, ao arrependimento e à prática do amor cristão. Levar a comunidade cristã às verdadeiras práticas de piedade: esmola, oração e jejum. A paróquia ou a comunidade eclesial podem escolher uma entidade caritativa que promove o trabalho com o povo da rua, que já realiza o bem em favor dos vulneráveis, e ajudá-la com uma campanha solidária de alimentos ou de vestuário. Propor a leitura e a meditação do texto-base da Campanha da Fraternidade, a qual visa à vida fraterna na comunidade de fé, refletindo este ano sobre a necessidade de haver moradia para todo ser humano. A moradia adequada foi reconhecida como um direito humano, em 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Cabe a todos nós nos empenharmos para que haja moradia digna a todo ser humano.

1º DOMINGO DA QUARESMA

22 de fevereiro

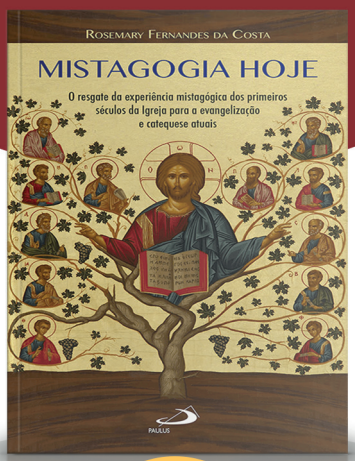
Não tentarás o Senhor teu Deus!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Quaresma – iniciada na Quarta-feira de Cinzas, com a imposição das cinzas sobre nossa cabeça, recordando-nos que somos pó e ao pó voltaremos – consiste num tempo de conversão e penitência, marcado pela singularidade do deserto, lugar metafórico de purificação e escuta atenta da voz de Deus. O Evangelho das tentações evidencia que, nas três tentações, há o aspecto de decisão ética pela vida que Jesus nos ensina, para que não nos deixemos sucumbir às seduções e investidas do demônio, símbolo da divisão interna que persiste em nos habitar e desumanizar, esgarçando o tecido de nossa consciente relação com Deus mediante a fé.

MISTAGOGIA HOJE

Rosemary Fernandes da Costa



CONFIRA VERSÃO E-BOOK

O objetivo do livro é ajudar no processo de retomada da experiência mistagógica como fonte e referencial para a dinâmica da catequese e da evangelização atuais, considerando-a como um carisma de fundamental importância no âmbito da Igreja e luz para a atualidade da iniciação cristã.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Na primeira leitura, vemos o soprar de *ruah* de Deus nas narinas do homem, feito com o pó da terra. Se a condição natural é adâmica, da humildade da terra, a inspiração é divina, tornando o ser humano *capax Dei,* capaz de Deus. O casal primevo sucumbe à provocação da serpente e Deus os castiga, expulsando-os do jardim do paraíso (*pardés*). Na segunda leitura, Paulo reflete que, se por um homem, adâmico, entrou o pecado no mundo, por Cristo entra a salvação. Se o primeiro foi desobediente a Deus, o segundo é, por antonomásia, obediente e, sendo divino, pode nos salvar.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Gn 2,7-9; 3,1-7)

A narrativa exemplar de desobediência do casal adâmico se contrapõe à obediência do Filho de Deus, Jesus Cristo, que no deserto será tentado pelo diabo, mas não sucumbirá. O relato diz que Deus criou da terra, *adamah* – que em hebraico significa "vermelho", pela cor da terra –, o ser humano. Deus também plantou um jardim e ali pôs o ser humano (Gn 2,7-8). Trata-se de imagem antropomórfica de um Deus laboral, que cultiva e cuida, um agricultor. No meio do jardim há também duas árvores, a da vida e a do conhecimento do bem e do mal (v. 9). Toda essa narrativa é mitológica, amplamente simbólica, para falar da condição humana no jardim do paraíso, que de protológica (primeiro) passa a ser escatológica (final). Isso significa dizer que Deus destinará o ser humano a uma existência paradisíaca, onde a vida e o conhecimento do bem e do mal estarão no centro de tudo.

Em 3,1 aparece logo a serpente, símbolo da astúcia, do mal e da dissimulação que porá em xeque a condição de Adão e Eva de criaturas obedientes, que recebem de Deus um interdito (v. 3): "Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, *Deus nos disse*: 'Não comais dele nem sequer o toqueis, do contrário, morrereis'". A astúcia da serpente está em questionar o interdito, a lei de Deus. Ela não está interessada na causa da lei, mas nas consequências, pois comer o fruto do conhecimento do bem e do mal é equiparar-se a Deus. A serpente engana o casal primevo, dizendo que não morrerão, mas conhecerão o bem e o mal, tornando-se iguais a Deus. O desejo do casal primitivo não é conhecer o bem e o mal, mas se tornarem divinos. Eles não estão preocupados com o fato de viverem a condição de criaturas e de a assumirem em suas potencialidades e limites (não comer de duas árvores, quando podiam comer das demais), mas estão preocupados em divinizar-se, tornar-se deuses. O mesmo veremos no Evangelho, quando o diabo instiga Jesus a jogar-se do mais alto do pináculo do templo e tentar a Deus, para que o salvasse. Jesus resiste a tal tentação, mas Adão e Eva não. Eles querem a divindade, pois não se contentam com sua humanidade. Por que ser humano, quando se pode ser divino?

O efeito de ceder à tentação está no v. 7, quando viram que estavam nus, perdendo o sentido da graça primeira, criacional. Eles agora se veem como são, desobedientes, desvestidos da graça do Criador, pois optaram pelo conhecimento. Segundo frei Jacir de Freitas, a nudez coloca o ser humano na condição de fertilidade, de doador da vida, algo que somente cabia a Deus. Adão e Eva se veem como um deus diante de outro Deus, poderoso, Deus Adonai, e têm medo.[1] O casal primitivo agora tem medo de tomar a responsabilidade sobre a própria existência. Nós também, diante das exigências da vida, temos medo. Contudo, inspirados em Cristo, que vence toda tentação, somos fortalecidos: "Não tenhais medo" (Mt 10,26).

[1] Disponível em: https://franciscanos.org.br/vidacrista/a-nudez-o-fruto-proibido-a-serpente-e-o-sofrimento-humano-na-inspiracao-de-gn-39-24/#gsc.tab=0. Acesso em: 18 ago. 2025.

2. II leitura (Rm 5,12-19)

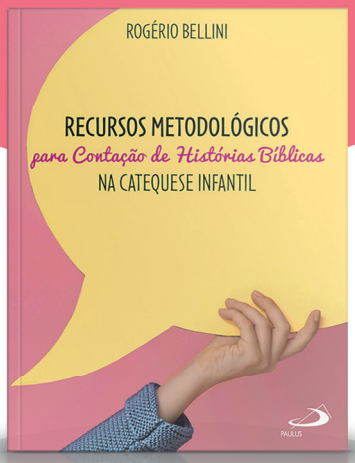
Na arte retórica de Paulo em Romanos, ele certifica que o pecado entrou no mundo por um só homem e, por meio do pecado, entrou a morte, que passou para toda a humanidade, pois todos pecaram (v. 12). A condição da natureza, fortalecida pela graça, é pecadora. No v. 13, o apóstolo diz que o pecado não pode ser imputado quando não há lei, e a Lei só entrou após muito tempo. Para Paulo, mesmo sem a Lei, a morte dominou desde Adão até Moisés, também sobre os que não pecaram como Adão, que era figura provisória (v. 14). A condição humana é de pecado, embora tenha sido criada pela bondade de Deus, como vemos no primeiro relato da criação humana. A desobediência de um levou todos à morte, mas a obediência de outro, Jesus Cristo, leva-nos todos à salvação, a entrarmos no santuário do céu. O v. 15 situa-se, nessa leitura, como ato de transformação, a fim de responder ao nó representado pela questão do pecado adâmico que habita em nós. A graça de Deus não nos é estéril em Cristo. Somos salvos por sua obediência amorosa a Deus, que é seu Pai e nosso. O v. 17 contrapõe a morte e a vida: de um lado, a desobediência adâmica; de outro, a obediência jesuânica. Por Cristo, recebemos o "dom gratuito e superabundante da justiça". O v. 18 diz que, se por um ato de um entra a condenação, pelo ato de outro entra a salvação, entendida em Paulo como justificação. Essa é a pérola de grande valor na teologia paulina, a teologia da graça. A desobediência gerou um sistema de injustiça, e a obediência levou à situação de justiça. Portanto, por Cristo, somos justificados com Deus e salvos da vida mortal de pecado.

3. Evangelho (Mt 4,1-11)

O 1º Domingo da Quaresma apresenta-nos as tentações de Jesus. Desde que assumiu a condição humana, Cristo "foi tentado em todas as formas, à nossa semelhança,

RECURSOS METODOLÓGICOS PARA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS BÍBLICAS NA CATEQUESE INFANTIL

Rogério Bellini



A presente obra propõe um modo criativo de evangelizar por meio de atividades lúdicas e do uso de materiais reciclados, mostrando às crianças a importância da sustentabilidade. Um jeito criativo e muito gostoso de falar de Jesus às crianças!

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

menos no pecado" (Hb 4,15). No primeiro Evangelho escrito – de São Marcos –, Jesus foi tentado a todo tempo, os quarenta dias e noites, em alusão à sua vida total, pela qual perpassam inúmeras tentações. Lucas e Mateus, porém, distinguem-se de Marcos, narrando três tentações diferentes, ligadas à experiência existencial vivida por Jesus. Os outros dois sinóticos diferem na ordem das duas últimas tentações, um detalhe que aqui ressaltamos, mesmo que *en passant*. Para Mateus, a segunda tentação de Jesus é ser levado ao pináculo do templo de Jerusalém, enquanto para Lucas esse seria o terceiro modo de o demônio tentar Jesus. Mateus segue uma espécie de *crescendum* nas tentações, das realidades menores para as maiores. Da pedra em pão até chegar à possível posse dos reinos da terra.

Os sinóticos (Mt, Mc e Lc) apresentam-nos as tentações de Jesus logo no início de seu ministério público. A cena tem início com a ação dinâmica do Espírito, que conduz Jesus para o deserto, segundo os três Evangelhos. Marcos, porém, usa o verbo grego *ekballei* (Mc 1,12) – dando a entender uma força escomunal do Espírito que "expulsa" Jesus para o deserto –, enquanto Mateus utiliza o verbo *anēchthē* (Mt 4,1), traduzido por "conduzir". Lucas 4,1 usa o verbo *ēgeto*. Possivelmente Mt e Lc compartilharam das mesmas fontes: Mc e a *Quelle*, os ditos de Jesus, pois naqueles dois materiais vemos as palavras de Jesus em contrapartida às insídias do diabo.

Duas das três ciladas do diabo estão acompanhadas dos termos: "Se és o Filho de Deus" (v. 3.6). Primeiro, para que as pedras se convertam em pão, a fim de saciar a fome daquele que está em jejum, no deserto. Jesus responde: "Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus" (v. 4). Jesus tem uma resposta valiosa para rebater seu sedutor. Na segunda tentação, o diabo ordena a Jesus que se lance abaixo da parte mais alta do templo (v. 5). Jesus, às justificativas do diabo (v. 6), responde: "Não tentarás o Senhor teu Deus" (v. 7). Na última tentação, o diabo leva Jesus ao local mais alto (v. 8) e lhe propõe que se ajoelhe diante dele em adoração, em troca de lhe serem dados todos os reinos da terra. A resposta de Jesus, no entanto, é enfática: "Vai-te embora, satanás, porque está escrito: 'Adorarás ao Senhor teu Deus e somente a ele prestarás culto'".

A teologia que floresce desse texto é a certeza de que, com Deus, Jesus vence as tentações diabólicas que dividiriam sua consciência de Filho de Deus. Contudo, sendo Filho de Deus, Jesus vem para cumprir a vontade do Pai, não permitindo divisões internas em sua estrutura psíquica e espiritual. Essa certeza permite-nos intuir que, para vencermos também as tentações do diabo em nossa vida espiritual cristã, precisamos ter sempre presente a pessoa de Jesus, que nos acompanha na caminhada. Somos seus discípulos/as e ele é o Senhor com quem podemos contar para o destino que chamamos de Reino dos Céus, em nossa Páscoa definitiva.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Convidar a comunidade a vivenciar a profundidade da Quaresma mediante a oração mais frequente, a leitura cotidiana da Palavra, seguindo a liturgia diária, e a criação de oportunidades de experimentar a caridade fraterna, sobretudo para com os que mais necessitam. Meditar em grupos a via-sacra, as reflexões da Campanha da Fraternidade propostas pela CNBB e outros materiais produzidos em nossas dioceses, Igrejas locais. Meditar sobre as tentações atuais que nos cercam, como a indiferença para com nossos irmãos, os excessos diante das redes sociais, que muitas vezes nos alienam, e o desejo excessivo de poder, que pode contaminar nosso coração.

ECOANDO

FORMAÇÃO INTERATIVA COM CATEQUISTAS

Um catequista bem preparado transforma vidas!

A Revista Ecoando oferece tudo o que você precisa para se formar, inspirar e evangelizar melhor.

- *Temas atuais;*
- *Dinâmica em grupo;*
- *Artigos para os catequistas;*
- *Lições da Bíblia e muito mais!*

Faça parte da comunidade de catequistas que inspira o futuro da Igreja.

ASSINE AGORA!

PAULUS

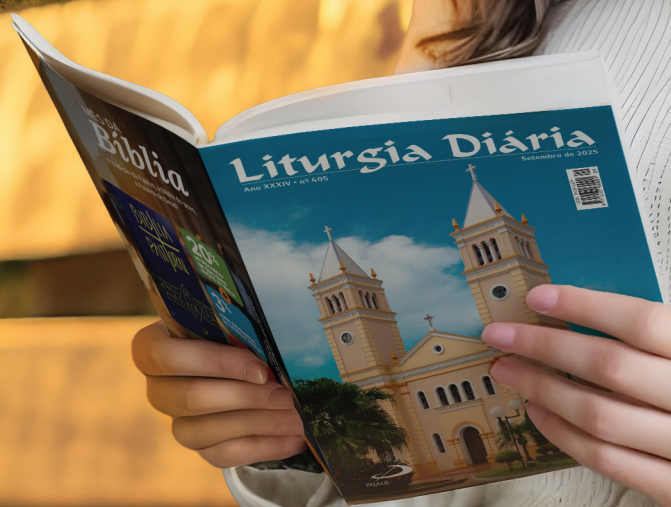
loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

Liturgia Diária

A Palavra de Deus sempre com você

A CADA DIA, UM ENCONTRO
ÍNTIMO COM A PALAVRA DE DEUS.

SUA COMPANHEIRA ESPIRITUAL
RECONHECIDA PELA IGREJA E PRESENTE
NA VIDA DE MILHARES DE CATÓLICOS.



PAULUS

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

ASSINATURA ANUAL!

ASSINE AGORA